

**Coleção: Revendo a Missão, a Visão e os
Valores da Escola com a Comunidade.**

Escolas Resilientes para Ação Climática



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Expediente

British Council

Tom Birtwhistle

Diretor Brasil

Diana Daste

Diretora de engajamento cultural

Direção técnica e articulação com MEC

Alessandra Moura

Gerente sênior de língua inglesa e educação básica

Coordenação geral do projeto

Vanessa Pedebos

Gerente de projetos de educação básica e língua inglesa

Consultoria externa

Magali do Nascimento

Consultora técnica e texto

Rodrigo D'Almeida

Leitura técnica, coordenação de projeto pedagógico editorial

DVIDA Agência

Projeto gráfico e diagramação

Ministério da Educação

Camilo Sobreira de Santana

Ministro de Estado da Educação

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

Secretária de Educação Básica

Rita Esther Ferreira de Luna

Diretora de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação

José Roberto Ribeiro Junior

Coordenador-Geral de Formação de Gestores Técnicos da Educação Básica

Yan Bruno Lourenço Lima

Coordenador de Projetos (CGFORG/DIFOR/SEB/MEC)

Geisa Mara Castilho Magalhães

Leitura Técnica e Revisão Ortográfica (DIFOR/SEB/MEC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escolas resilientes para ação climática

[British Council Brasil. -- 1. ed. -- São Paulo, SP : British Council, 2026. -- (Coleção : revendo a missão, a visão e os valores da escola com a comunidade. ; 1)

Bibliografia

ISBN 978-65-81624-07-1

1. Educação ambiental 2. Educação - Finalidades e objetivos 3. Escolas - Aspectos sociais 4. Mudanças climáticas
I. British Council Brasil. II. Série.

CDD-304.2
26-334789.0

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação ambiental 304.2

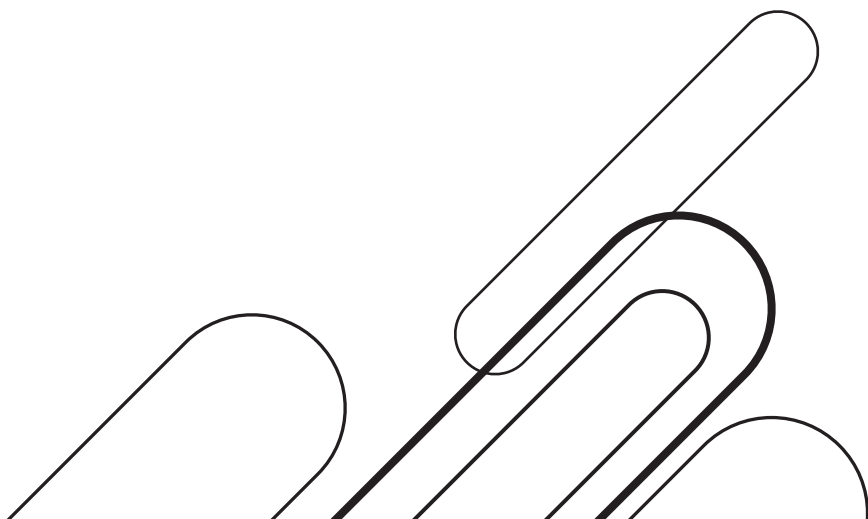
Sumário

Expediente	2
Sobre o British Council	7
Apresentação	8
Nota Técnica	9
Caderno do Facilitador	10
Perfil do facilitador	11
Função do facilitador	11
Preparo do facilitador para a oficina	12
Antes do encontro ou da oficina	
Durante o encontro ou da oficina	
Depois do encontro ou da oficina	
Caderno do Participante	13
Função do participante	14
Perfil do participante	14
Preparo do participante para a oficina	14
Antes do encontro ou da oficina	
Durante o encontro ou a oficina	
Depois do encontro ou da oficina	
Apresentação da Oficina	15
1. Apresentação	15
2. Descrição da oficina	15
3. Objetivos	16
4. Metodologia	16
5. Competências a serem desenvolvidas	16
6. Temas transversais Abordados	17
7. Público-alvo	17
8. Recursos necessários	17
8. Recursos Humanos	17
9. Local	20
10. Divulgação	20

Pontos de atenção	21
Política de Igualdade	21
Política de Proteção Integral	21
Política de Proteção de Dados Pessoais	21
Etapas da Oficina	22
Primeira Etapa: Construção do Espaço de Acolhimento	22
Segunda Etapa: Realização dos Encontros	22
Terceira Etapa: Divulgação e Sistematização dos Encontros	22
Encontros da Oficina	23
Primeiro Encontro	23
Segundo Encontro	23
Terceiro Encontro	23
Encontro 1 – Atividade 1 –	24
Recepção – Boas-vindas	24
Conteúdo	25
Dinâmica de Integração e Acolhimento – “Minha Raiz, Meu Ramo”	25
Recomendações ao Facilitador	26
Resultados Esperados	26
Encontro 1 – Atividade 2 –	27
Conteúdo	27
Identidade do Bairro	27
Mapa do Bairro	28
Recomendações ao Facilitador	28
Resultados Esperados	28
Encontro 2 – Atividade 1 –	29
Conteúdo	29
Acolhimento e Boas-Vindas - “O que ficou em Mim”	29
Recomendações ao Facilitador	30
Resultados Esperados	30
Compreendendo a Escola Resiliente	30
Recomendações ao Facilitador	30
Análise Coletiva	30
Conceito de Escola Resiliente	30
Atividade em Grupos Pequenos	30

Apresentações e Painel Coletivo	30
Compromissos Práticos	30
Objetivo da Dinâmica	30
Recomendações ao Facilitador	30
Resultados Esperados	30
Encontro 2 – Atividade 2 –	31
Conteúdo:	31
Divisão em Grupos	31
Instruções para Mapeamento	31
Apresentação dos Grupos	31
Integração dos Resultados	31
Discussão Coletiva	32
Priorização de Ações	32
Definição de Próximos Passos	32
Registro e Visibilidade	32
Objetivo	32
Recomendações ao Facilitador	32
Resultados Esperados	32
Finalização: Celebração e Reconhecimento	32
Roda de Apreciações	32
Entrega de Certificados Simbólicos	32
Encerramento Coletivo	32
Objetivo da Finalização	32
Resultados Esperados da Finalização	32
Encontro 3 – Atividade 1 –	33
Objetivo	33
Tempo estimado	33
Materiais necessários	33
Resultado esperado	34
Dinâmica: Elaborando um Plano de Ação Resiliente	34
Objetivo	34
Tempo estimado	34
Materiais necessários	34
Passo a Passo	37

Recomendações ao Facilitador	34
Resultados Esperados	34
Encontro 3 – Atividade 2 –	35
Dinâmica: Estudos de Caso Inspiradores	35
Consolidação Coletiva (Síntese da Oficina)	35
Objetivo	35
Tempo estimado	35
Materiais necessários	35
Recomendações ao facilitador	36
Perguntas norteadoras para os grupos	36
Resultado esperado	36
Dinâmica: Fechamento - Compromisso com a Escola Resiliente	36
Tempo estimado	36
Materiais necessários	36
Passo a Passo	36
Recomendações ao facilitador	37
Referências Bibliográficas	38
Anexos	39
Anexo A: Criação de vínculos	39
Anexo B: Modelo de Árvore	40
Anexo C: Caixa da Identidade do Bairro	41
Anexo D: Criando um Mapa Afetivo do Bairro	42
Anexo E: Conectando Percepções ao Tema da Oficina	43
Anexo F: Definição de Escola Resiliente	44
Anexo G: Template de Plano de Ação	45
Anexo H: Estudo de Caso: Comunidades Amazônicas na Adaptação Local	46



Sobre o British Council

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais ao redor do mundo. No Brasil, trabalhamos para promover qualidade e equidade na educação, incluindo o ensino, aprendizagem e avaliação da língua inglesa, além de colaboração internacional no campo das artes, da cultura e programas de impacto social. Atuamos em parceria com o governo e a sociedade civil, especialmente oferecendo desenvolvimento profissional para professores e gestores escolares, de forma que estejam mais preparados para desenvolver as competências essenciais dos estudantes para o futuro, incluindo o inglês como língua franca. O British Council ainda colabora com universidades para apoiar a igualdade de gênero e a internacionalização do ensino superior, além de festivais e organizações culturais locais - conduzimos iniciativas que promovem inclusão, sustentabilidade e inovação.

Nosso trabalho na área de educação apoia os estudantes para que concluam a educação básica não apenas com habilidades fundamentais, mas também com as habilidades para o futuro de que precisarão em um mundo em rápida transformação, tornando-se cidadãos ativos e produtivos em suas comunidades e na sociedade brasileira.

Na última década, nos especializamos no desenvolvimento de programas que melhoram os padrões de ensino da língua inglesa e da educação em STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática) nas escolas brasileiras.

Fazemos isso utilizando pesquisas inovadoras para desenhar e implementar abordagens pedagógicas contextualizadas, com base na expertise brasileira e britânica em aprendizagem digital e ensino de línguas. Trabalhamos com parceiros governamentais em diferentes níveis, incluindo formuladores de políticas, líderes escolares, gestores intermediários, formadores de professores e professores, para co-desenhar ações com impacto e sustentabilidade.

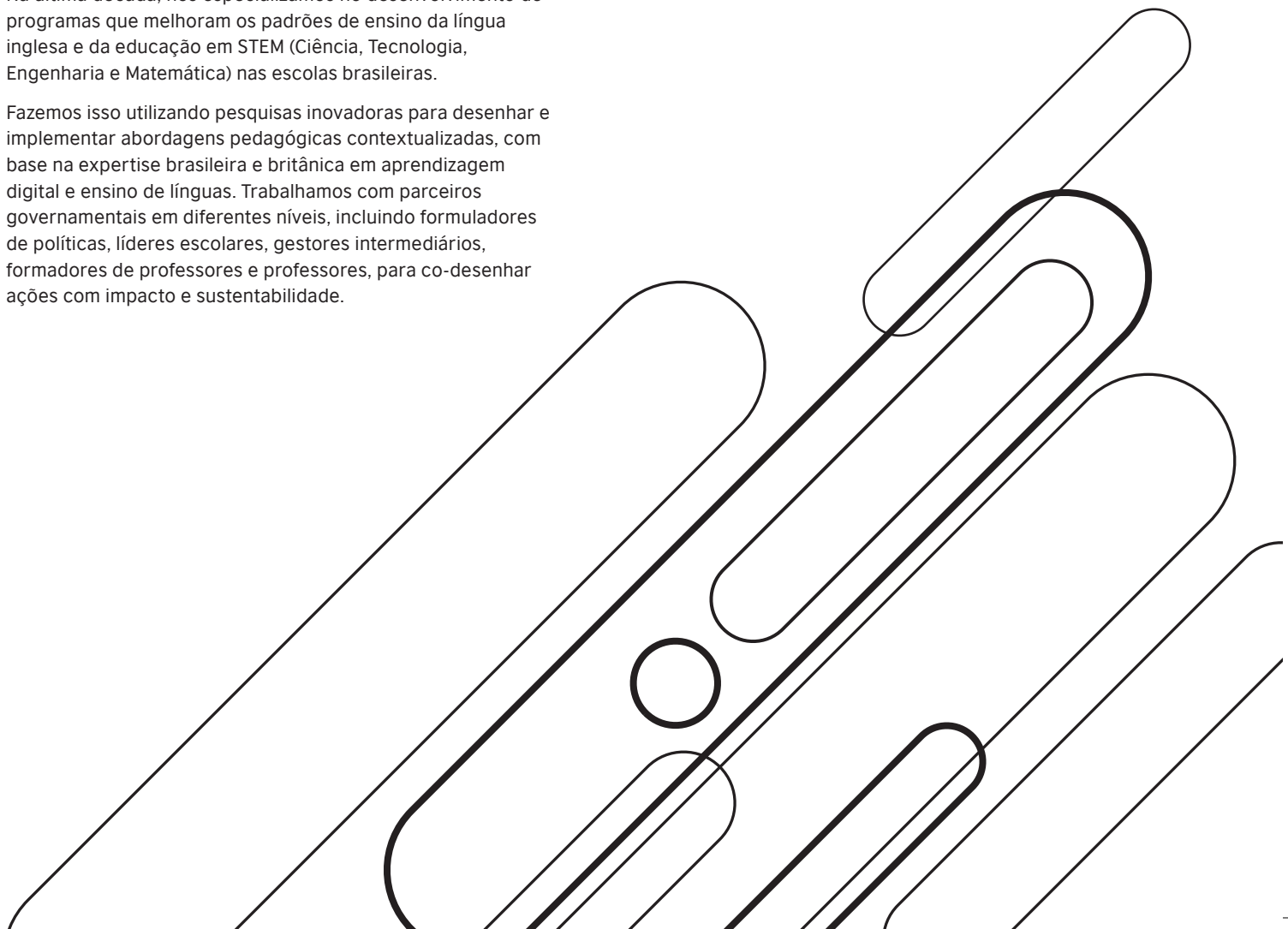
Nossa Jornada Rumo a uma Escola Resiliente

Imagine uma escola que aprende e se fortalece com os desafios. Uma escola que, diante de chuvas fortes, secas prolongadas ou mesmo das complexidades do mundo digital, não só resiste, mas se reinventa. Essa é a Escola Resiliente.

Esta oficina é um convite para fazermos juntos essa caminhada. Com alegria, apresentamos este guia, fruto da parceria entre o British Council e o Ministério da Educação, para apoiar seu Conselho Escolar a revisar a Missão, Visão e Valores da escola, tornando-os faróis para a ação climática e a cidadania digital.

Nosso objetivo é fortalecer a parceria entre escola, família e comunidade, criando respostas criativas e coletivas para os desafios do nosso tempo. Vamos começar?

A Escola Resiliente é uma escola que aprende com os desafios. Diante de situações complexas, como as mudanças climáticas, ela demonstra uma capacidade contínua de se adaptar, inovar e se transformar.



Apresentação

“Escola Resiliente é aquela que se transforma e se posiciona diante de desafios do mundo e da vida **hoje**, uma vez que eles podem ensejar a releitura ou mesmo a revisão da missão, da visão e dos valores da escola de **ontem**”.

É com grande satisfação apresento para Escolas e seus Conselhos Escolares este Guia para Oficinas Colaborativas no âmbito do **Programa Escola e Comunidade (PROEC)**. Trata-se de mais um resultado da cooperação entre o Conselho Britânico e Ministério da Educação, através da Diretoria de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação da Secretaria de Educação Básica.

O objetivo do programa, e, portanto, das Oficinas Colaborativas descritas neste documento, é fomentar a parceria entre a escola, a família e a comunidade, na perspectiva da educação integral, por meio da participação de estudantes, profissionais da educação, familiares e membros da comunidade em projetos de formação que envolvam a promoção da cidadania, da cultura de paz e democrática e a melhoria da qualidade da educação pública brasileira. Os resultados esperados das oficinas também refletem a missão do Conselho Britânico de promover a paz e a prosperidade por meio do diálogo e da construção colaborativa de caminhos para o desenvolvimento humano, através da educação e da arte.

Foram desenvolvidas duas oficinas em apoio à ambição do PROEC. Elas foram planejadas para aplicação em escolas de todas as regiões do país, respeitando as diversidades culturais, regionais e linguísticas das comunidades escolares, especialmente as mais de 32 mil instituições inscritas no programa PROEC em 2025.

O ponto de partida das oficinas é um convite ao Conselho Escolar para realizar uma leitura reflexiva da **Missão, Visão e dos Valores da Escola**, semeando que o diálogo seja aderente aos princípios pedagógico-filosóficos e estratégicos únicos de cada comunidade escolar. A partir daí, cada oficina introduz um tema para discussão relacionado aos desafios **contemporâneos comuns às escolas** do mundo todo: a crescente interação da comunidade no chamado **mundo digital** e os **impactos das mudanças climáticas** na dinâmica da comunidade. São temas também conectados às **competências para a vida no século XXI**, conhecidas globalmente como life skills.

Ser resiliente significa reconhecer que a escola não é estática, mas um organismo vivo que aprende com sua comunidade. Ao revisitar missão, visão e valores, os Conselhos Escolares abrem caminho para decisões mais conscientes frente aos dilemas contemporâneos – como os impactos da tecnologia digital nas relações de aprendizagem e convivência, e as mudanças climáticas que afetam diretamente a rotina e a segurança das comunidades escolares

A proposta metodológica das oficinas está fundamentada em três pilares:

1. **Prevenção:** A ação educativa deve antecipar riscos e desenhar estratégias de gestão que protejam os objetivos institucionais da escola.

2. **Educação Integral:** Inspirada nos pilares “aprender a aprender” e “aprender a conviver”, valorizar os Conselhos Escolares e o conceito de escola aprendiz, reconhecendo o papel central da escola como agente de transformação comunitária ao mesmo tempo que valoriza os saberes coletivos e a ética.

3. **Equidade e Diversidade:** As oficinas promovem a inclusão e o respeito às especificidades de cada comunidade escolar, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, incluindo à meta de garantir educação de qualidade para todos.

4. **Flexibilidade:** A estrutura das oficinas é flexível. Cada escola poderá decidir se deseja realizá-las em dois encontros — com intervalo para reflexão e construção de um plano de ação — ou em até três momentos distintos, permitindo uma abordagem mais aprofundada. O guia também oferece sugestões de recursos digitais e multimídia, como músicas e filmes, que podem ser utilizadas até como recursos preparatórios para os encontros presenciais.

O ano de 2025 é um grande oportunidade do Brasil catalisar ações em prol do desenvolvimento da resiliência na educação, especialmente na ambiental. Em vista da **Conferência sobre Mudanças do Clima, a COP 30, no Estado do Pará**, este guia reconhece a importância da relação da escola e da comunidade para o desenvolvimento humano sustentável.

O Guia desta oficina está também alinhado à trilha formativa para Gestão e Lideranças Escolares oferecida no **AVAMEC**. O curso online autoinstrucional e gratuito é voltado para Comunicar a Missão, Visão e Valores da Escola Resiliente.

Esperamos que este Guia de Oficinas Colaborativas para familiares, membros da comunidade, estudantes e profissionais da educação contribua significativamente para a construção de escolas resilientes, comprometidas com o desenvolvimento humano sustentável e a promoção da cultura de paz.

As Escolas Resilientes que surgem desse processo não apenas se adaptam, mas também inspiram novas gerações a viver em harmonia com o mundo digital e com o planeta em transformação.

Alessandra Moura

Gerente Sênior da Educação Básica e Língua Inglesa
Direção técnica do projeto Escolas Resilientes.

Nota Técnica

O que é uma Escola Resiliente

A **Escola Resiliente** pode ser entendida como uma instituição educativa que, diante dos desafios complexos do século XXI, demonstra capacidade de adaptação, inovação e transformação contínua. Seu papel vai além de resistir a situações adversas: ela aprende com as crises e as transforma em oportunidades de fortalecimento de sua missão, visão e valores.

Esse conceito está ancorado em marcos nacionais e internacionais, como a **Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017)**, o **Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024)**, na **Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)** na dimensão de infraestrutura e gestão, uma vez que a segurança digital é um pilar da resiliência tecnológica, os **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS/ONU, especialmente ODS 4 e ODS 13)**, além das orientações da **UNESCO sobre Educação para o Desenvolvimento Sustentável e Educação Midiática, e da UNICEF sobre Escolas Seguras e Protetoras**.

Dimensões Estruturantes da Escola Resiliente

Infraestrutura e Gestão Adaptativa

- Preparação de ambientes físicos e digitais seguros, inclusivos e acessíveis.
- Protocolos para enfrentar riscos climáticos, sanitários e tecnológicos.
- Planejamento e gestão democrática para lidar com emergências e prevenir vulnerabilidades.

Currículo Integrado e Educação Transformadora

- Integração de temas transversais da BNCC: Educação Ambiental, Cultura Digital, Projeto de Vida e Educação Socioemocional.
- Desenvolvimento de competências críticas, criativas e colaborativas.

- Estímulo ao protagonismo dos estudantes e à leitura crítica da realidade local e global.

Comunidade Engajada e Redes de Solidariedade

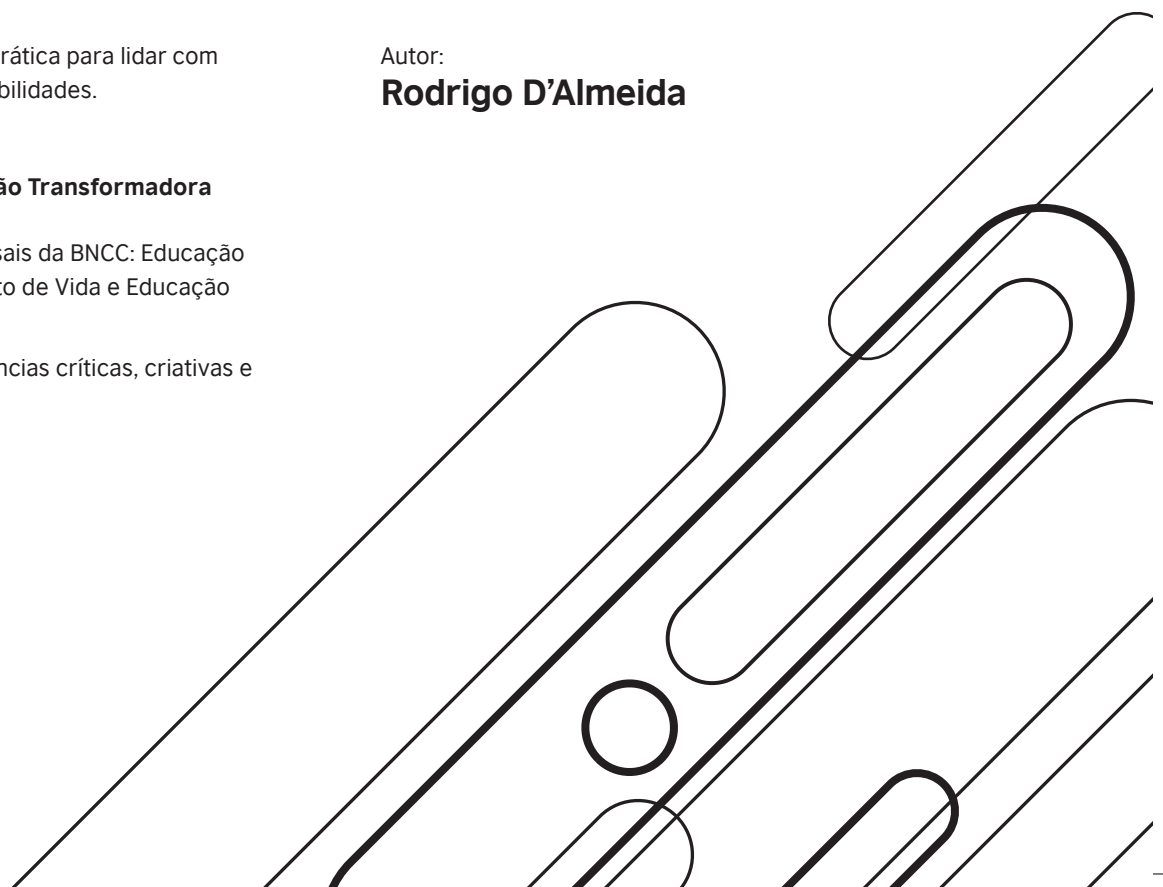
- Fortalecimento da gestão participativa por meio do Conselho Escolar e demais instâncias.
- Parceria ativa com famílias, organizações da sociedade civil, órgãos públicos e Defesa Civil.
- Valorização da diversidade cultural e promoção da equidade como pilares de proteção e engajamento social.

Síntese

A Escola Resiliente constitui-se como **núcleo de proteção, inovação e cidadania**, articulando segurança, aprendizagem e pertencimento. Ao revisar e atualizar sua missão, visão e valores, ela se posiciona frente às demandas de um mundo interconectado, em constante transformação climática, tecnológica e social. Dessa forma, torna-se capaz de formar sujeitos **autônomos, críticos, criativos e solidários**, preparados para enfrentar os riscos e construir coletivamente sociedades mais sustentáveis e inclusivas.

Autor:

Rodrigo D’Almeida





Caderno do Facilitador

O facilitador ou facilitadora é a pessoa que guia, orienta e media as atividades da oficina, criando as condições para que o grupo aprenda e construa conhecimento coletivamente.

Perfil do Facilitador

O facilitador ideal é alguém da própria comunidade escolar, o que fortalece a conexão com o grupo. Caso haja convidados externos, é importante que um membro da escola acompanhe o processo de mediação.

Mais do que técnicas, a facilitação requer uma postura aberta e sensível. É essencial escutar não apenas as palavras, mas também captar os sentimentos, valores e necessidades não expressas verbalmente pelo grupo.

Habilidades e Atitudes Desejadas para conduzir esse processo, algumas habilidades e atitudes são fundamentais:

Para a Gestão do Processo:

- Planejamento e Organização: Definir os passos da oficina, preparar os materiais e manter a documentação em ordem.
- Gestão de Tempo: Saber organizar a duração de cada atividade, começando e terminando nos horários combinados.
- Gestão de Grupos: Conduzir as discussões, garantindo a participação de todos e o cumprimento dos combinados.

Para a Relação com o Grupo:

- Escuta Ativa: Prestar atenção no que é dito e não dito, demonstrando interesse genuíno pelas contribuições.
- Empatia: Colocar-se no lugar do outro para entender suas perspectivas e experiências.
- Assertividade: Comunicar-se com clareza e respeito, sendo direto sem ser agressivo.
- Mediação de Conflitos: Ajudar o grupo a lidar com discordâncias de forma construtiva, buscando soluções consensuais.

Para o Ambiente de Aprendizagem:

- Acolhimento: Criar um espaço seguro, inclusivo e propício para a troca de ideias.
- Flexibilidade: Adaptar-se às necessidades do grupo e estar aberto a ajustes no planejamento.
- Motivação e Criatividade: Estimular o engajamento dos participantes com dinâmicas variadas e um tom energizante.
- Ética e Sigilo: Manter a confidencialidade das discussões do grupo, criando uma relação de confiança.

Conhecimentos Importantes:

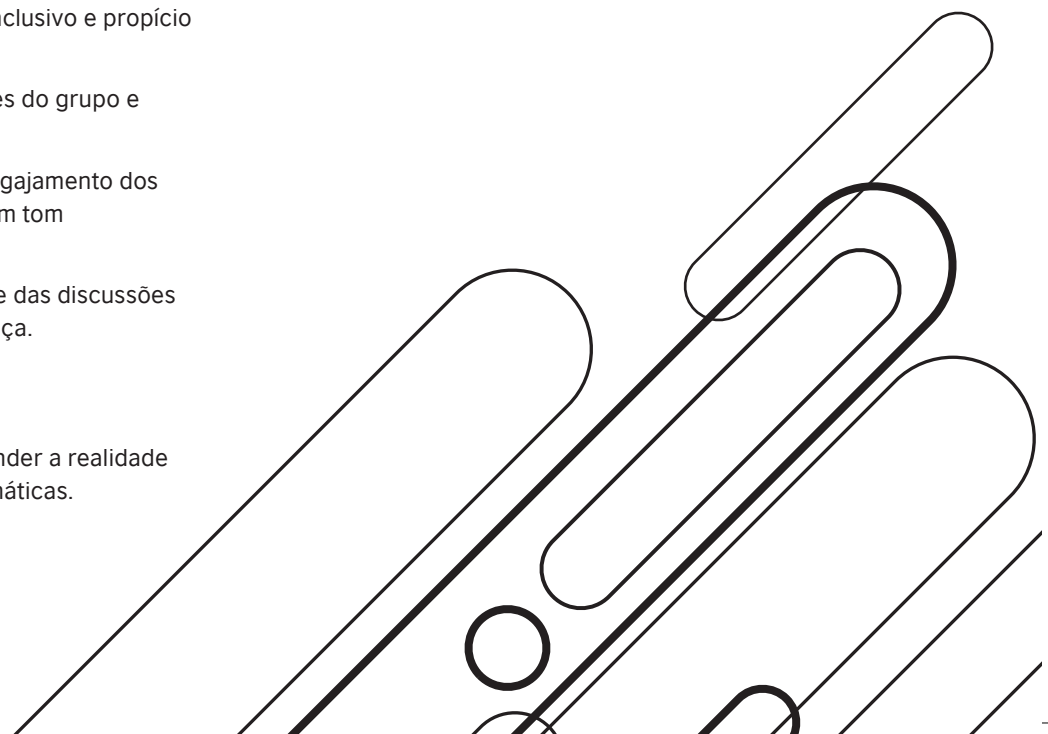
- Sensibilidade Socioambiental: Compreender a realidade local e os temas ligados às mudanças climáticas.

Função do Facilitador

A principal função do facilitador é guiar o processo de aprendizagem coletiva. Isso significa:

- 1 - Dominar o Conteúdo:** Conhecer os temas da oficina (resiliência, mudanças climáticas) para conduzir as discussões com segurança e embasamento.
- 2 - Criar um Ambiente Seguro:** Estabelecer uma atmosfera de confiança mútua, onde todos se sintam respeitados e encorajados a compartilhar suas ideias.
- 3 - Estimular a Participação:** Promover a interação entre todos, garantindo que diferentes vozes sejam ouvidas e valorizadas.
- 4 - Mediar Discussões:** Focalizar o diálogo nos objetivos da atividade, sintetizando ideias e ajudando o grupo a chegar a conclusões conjuntas.
- 5 - Inspirar e Motivar:** Entusiasmar o grupo com a jornada proposta, mostrando-se comprometido com a construção de uma escola mais resiliente.

Em síntese, o facilitador não é um “professor” que detém todo o conhecimento, mas um catalisador que ajuda o grupo a descobrir e construir suas próprias soluções. Sua presença é essencial para transformar os encontros em momentos de crescimento verdadeiro para a comunidade.



Preparo do facilitador para a oficina

Antes do encontro

- 1 | Dedicar um tempo para estudar o conteúdo do encontro/da oficina daquela semana;
- 2 | Dedicar um tempo para rever o que foi dito/percebido no último encontro;
- 3 | Anotar falas de situações que precisam de intervenção e passaram despercebidas;
- 4 | Separar todo o material ou as ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
- 5 | Pegar um caderno e/ou outro meio de gravação para anotar o que foi dito;
- 6 | Fazer todo e qualquer informe necessário, com antecedência, e para todos;
- 7 | No dia, organizar o espaço previamente, para poder se dedicar ao acolhimento das pessoas na chegada.

Durante o encontro

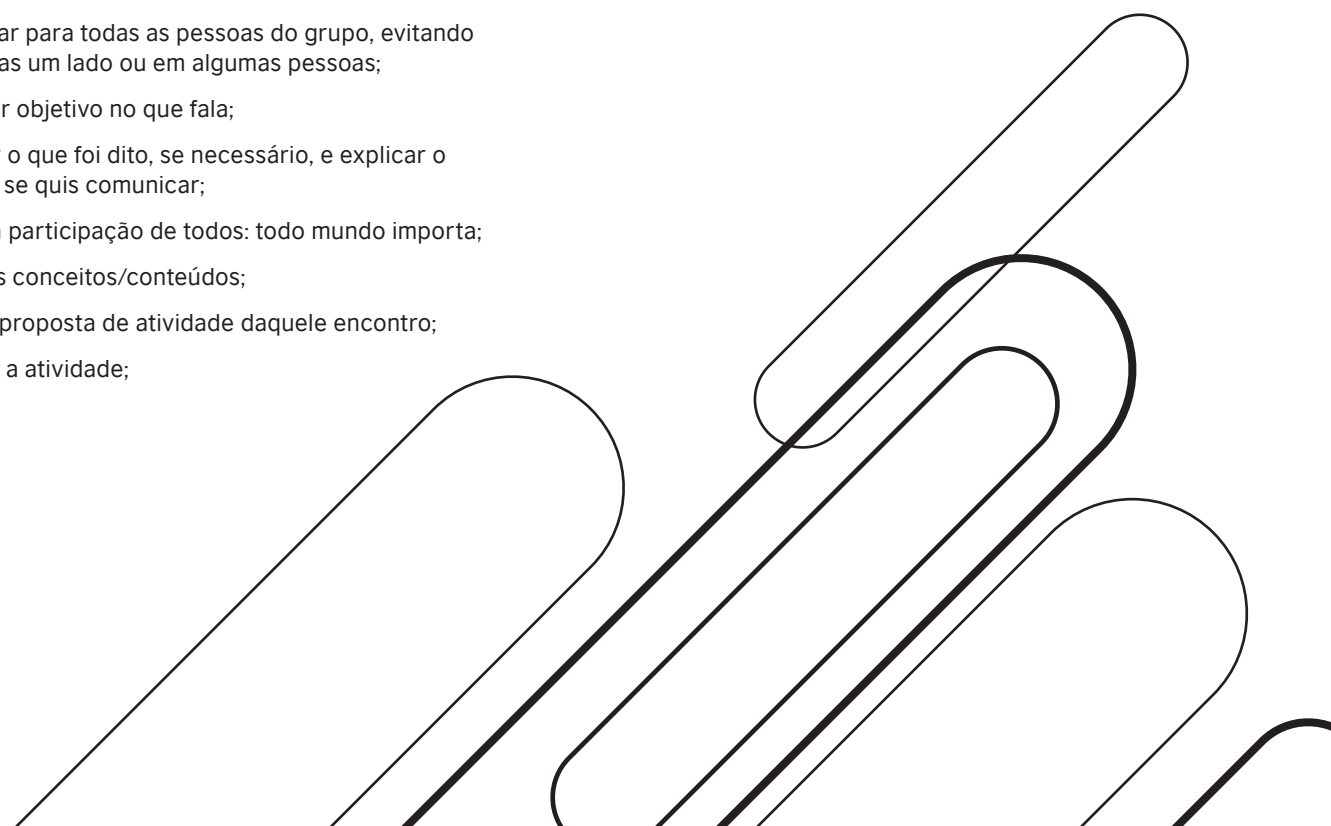
- 1 | Solicitar licença para realizar anotações e/ou utilizar outro meio de registro do que for dito, esclarecendo que o objetivo é recapitular as informações para retomada na semana seguinte).
- 2 | Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
- 3 | Ser sensível às emoções e às ideias do que pode ser significativo;
- 4 | Mediar e abrir espaço para o entendimento diante de divergências e eventuais conflitos;
- 5 | Falar sempre de modo claro;
- 6 | Sempre olhar para todas as pessoas do grupo, evitando focar em apenas um lado ou em algumas pessoas;
- 7 | Procurar ser objetivo no que fala;
- 8 | Parfrasear o que foi dito, se necessário, e explicar o que realmente se quis comunicar;
- 9 | Incentivar a participação de todos: todo mundo importa;
- 10 | Explicar os conceitos/conteúdos;
- 11 | Explicar a proposta de atividade daquele encontro;
- 12 | Direcionar a atividade;

13 | Finalizar a atividade (Fazer um fechamento do que foi solicitado, do que foi dito e do que foi apresentado);

14 | Por fim, organizar o espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar).

Depois do Encontro

- 1 | Estar à disposição para sanar possíveis dúvidas ou questionamentos dos participantes;
- 2 | Guardar toda a produção, se houver, daquele encontro, seja ela física ou digital;
- 3 | Fazer uma autoavaliação se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
- 4 | Propor encaminhamentos se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
- 5 | Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.





Caderno do Participante

Participante é todo membro da comunidade escolar — estudante, familiar, professor, gestor ou funcionário — que aceita o convite para contribuir ativamente na construção de uma escola mais resiliente.

Função do Participante

Sua função é ser corresponsável pelo sucesso da oficina. Você não é um espectador, mas um agente central do processo. Isso significa:

- **Trazer sua Experiência:** Sua vivência única na escola e na comunidade é a matéria-prima mais valiosa para nossas discussões.
- **Participar ativamente:** Envolver-se de corpo e alma nas atividades, compartilhando ideias, ouvindo os outros e construindo coletivamente.
- **Assumir o Protagonismo:** Significa entender que você tem o poder e a responsabilidade de agir para transformar a realidade ao seu redor, começando pela escola.
- **Contribuir para um Bom Ambiente:** Zelar por um clima de respeito, confiança e acolhimento entre todos os participantes.

Cada encontro foi pensado com um propósito. Sua participação constante e preparada é fundamental para que possamos, juntos, alcançar os objetivos de fortalecer a resiliência da nossa escola.

Perfil do Participante

Todos são bem-vindos! O mais importante é ter vontade de aprender, compartilhar e trabalhar em grupo. Para que a experiência seja rica para todos, contamos com as seguintes atitudes:

Para uma Boa Convivência em Grupo:

- **Escuta Ativa:** Estar verdadeiramente presente e aberto para ouvir o que os outros têm a dizer.
- **Respeito pelas Diferenças:** Valorizar as diversas opiniões e experiências que enriquecem o grupo.
- **Empatia:** Colocar-se no lugar do outro, buscando compreender seus pontos de vista e sentimentos.
- **Colaboração:** Estar disposto a ajudar os colegas e a trabalhar em equipe.

Para o Seu Engajamento Pessoal:

- **Pontualidade e Assiduidade:** Respeitar o tempo do grupo, chegando nos horários e participando da maioria dos encontros.
- **Protagonismo:** Trazer suas ideias, questionamentos e sugestões para o coletivo.
- **Abertura para o Novo:** Estar disposto a refletir sobre novos conceitos e a rever suas próprias opiniões.
- **Comprometimento:** Assumir tarefas combinadas pelo grupo e seguir os combinados estabelecidos juntos.

Lembre-se: Não é preciso ser um especialista. A força desta oficina está justamente na diversidade de conhecimentos e saberes que cada um de nós traz. Sua voz é essencial!

Preparo do participante para a oficina

Antes do encontro

- 1 | Dedicar um tempo para entender o que foi dito/percebido no último encontro;
- 2 | Anotar dúvidas que passaram despercebidas, a fim de serem levantadas depois;
- 3 | Separar todo o material e/ou as ferramentas necessárias para o encontro/oficina;
- 4 | Ter à mão um caderno ou outro meio de registro para anotar o que achar importante.
- 5 | Se despir de todo o “achismo” e de preconceitos existentes em relação ao diferente.
- 6 | No dia, organize seu tempo, para chegar com antecedência, e poder auxiliar, caso precisem.

Durante o encontro

- 1 | Pedir licença para questionamentos e/ou outras colocações pertinentes;
- 2 | Estar atento a tudo que acontece durante a atividade/oficina;
- 3 | Ser sensível às emoções e ideias dos outros pode ser significativo;
- 4 | Colocar-se em uma postura de aprendiz, frente às divergências e eventuais conflitos;
- 5 | Falar sempre de modo claro;
- 6 | Sempre olhar para todas as pessoas do grupo, evitando focar em apenas um lado ou em algumas pessoas;
- 7 | Procure ser objetivo no que fala;
- 8 | Caso necessário, parafraseie o que disse e explique o que realmente queria dizer;
- 9 | Respeite a participação de todos: todo mundo importa;
- 10 | Escute com atenção os conceitos/conteúdos apresentados;
- 11 | Escute a proposta de atividade daquele encontro apresentado;
- 12 | Realize a atividade;
- 13 | Esteja disposto(a) a ser parte do grupo, da atividade, da oficina;
- 14 | Por fim, auxilie na organização do espaço para dar continuidade a organicidade escolar (cada espaço tem uma finalidade e deve estar à disposição de todos do corpo escolar).

Depois do encontro

- 1 | Fazer uma autoavaliação para verificar se os objetivos daquele encontro foram alcançados;
- 2 | Anotar as dúvidas, se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
- 3 | Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.

Apresentação da Oficina

A proposta da oficina “Escolas Resilientes para a Ação Climática” consiste em promover uma oficina teórica e prática, organizada em trilhas formativas e conduzida por meio de encontros presenciais. Esta iniciativa é oferecida à comunidade escolar — que, conforme define o Ministério da Educação, “é o conjunto constituído pelos membros do Magistério, alunos, pais ou responsáveis pelos alunos e demais funcionários que protagonizam a ação educativa da escola” (BRASIL. MEC/SEB, 2004) — e à comunidade local do entorno, abrangendo moradores, líderes comunitários e representantes de organizações da sociedade civil e entidades públicas e privadas.

O objetivo central é capacitar os participantes para que adquiram conhecimentos teóricos e práticos sobre a construção de resiliência frente às mudanças climáticas, cujos impactos são cada vez mais evidentes em todas as comunidades escolares, no Brasil e no mundo. Por meio de um percurso formativo guiado por facilitadores, os participantes serão conduzidos desde os fundamentos conceituais até as aplicações práticas, tornando-se multiplicadores de assuntos relativos à responsabilidade e à resiliência socioambiental.

Como resultado deste processo, espera-se que a escola possa revisar suas bases filosóficas e pedagógicas e elaborar — ou ressignificar — sua declaração de Missão, Visão e Valores, orientando-as pelos princípios da sustentabilidade. Dessa forma, a comunidade estará melhor preparada para criar respostas resilientes que garantam o cuidado de seus membros, tanto nas situações do cotidiano quanto em eventuais emergências climáticas.

Descrição da Oficina

A oficina “Escolas Resilientes para Ação Climática” oferece uma experiência formativa única que reúne a comunidade escolar e local em torno de um objetivo comum: desenvolver soluções práticas para os desafios ambientais e os riscos climáticos que impactam o cotidiano da escola.

Estruturada em trilhas formativas e encontros presenciais, a iniciativa combina teoria e prática em uma formação abrangente e participativa. Seu propósito é fomentar o engajamento coletivo na construção de uma escola preparada para adversidades, promovendo uma educação transformadora e a formação de estudantes autônomos, éticos e críticos. A oficina também incentiva a reflexão

sobre a missão, visão e valores da escola, integrando princípios como respeito, empatia, responsabilidade e cidadania planetária à sua identidade.

Guiados por facilitadores especializados, os participantes mapearão coletivamente os principais problemas ambientais e riscos locais. A partir da análise de suas causas e consequências, serão elaborados planos de ação contextualizados, fortalecendo a resiliência comunitária com base nas necessidades e realidades específicas de cada território.

Para além da transferência de conhecimento, a oficina visa formar multiplicadores capazes de promover, dentro da escola, uma cultura de prevenção, cuidado mútuo e sustentabilidade. Por meio de metodologias participativas, os envolvidos articulam saberes acadêmicos e conhecimentos locais para desenvolver soluções inovadoras e adaptativas.

A formação reforça que a construção da resiliência escolar demanda uma abordagem integrada, unindo:

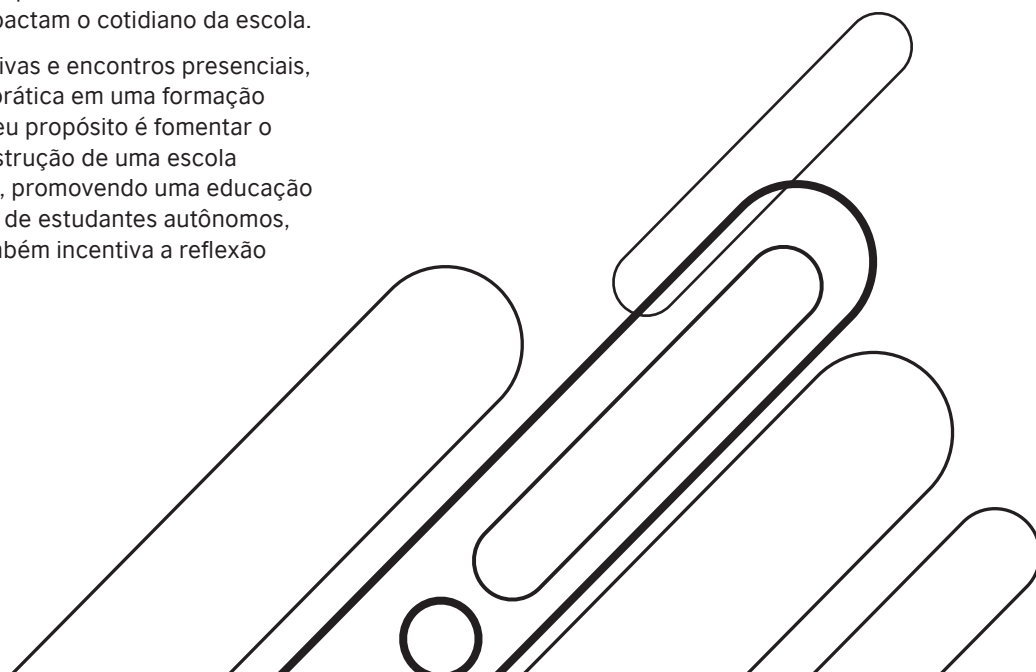
- Infraestrutura segura e adequada;
- Gestão de riscos;
- Educação para a resiliência;
- Participação ativa da comunidade.

Dessa forma, a oficina consolida a escola como um núcleo de proteção, aprendizagem e organização social, capacitando-a para responder de forma efetiva aos impactos ambientais e socioeconômicos do presente e do futuro.

Autor:

Magali do Nascimento

Consultora Internacional Senior credenciada pelo British Council



Objetivo Geral

Fomentar o protagonismo da comunidade escolar, **ou seja, a capacidade de cada um de ser agente de mudança na sua comunidade**, para diagnosticar os impactos locais das mudanças climáticas e co-criar soluções práticas, transformando a escola em um núcleo de resiliência e educação ambiental cidadã.

Objetivos Específicos

- Identificar problemas ambientais locais e suas causas: Reconhecer os desafios e riscos presentes no ambiente escolar, compreendendo as origens dos problemas e os impactos decorrentes das mudanças climáticas.
- Compreender a interdependência entre o ser humano e a natureza: Analisar como as ações humanas influenciam o meio ambiente e, reciprocamente, como o ambiente afeta a qualidade de vida, promovendo uma visão sistêmica e integrada.
- Refletir sobre atitudes sustentáveis e solidárias: Estimular a adoção de práticas conscientes que reforcem o cuidado mútuo e a responsabilidade coletiva, incentivando comportamentos éticos e sustentáveis.
- Construir planos de ação para o enfrentamento de riscos: Desenvolver, de maneira colaborativa, estratégias e iniciativas práticas para mitigar os impactos das mudanças climáticas e promover a resiliência local.
- Promover a formação de uma comunidade escolar ativa e engajada: Fomentar o protagonismo dos membros da comunidade escolar, capacitando-os a identificar os impactos ambientais em seu cotidiano, reconhecer riscos e atuar de maneira empática e transformadora, contribuindo para a construção de uma cidadania planetária.

Metodologia

A metodologia da oficina é estruturada em três encontros presenciais, sendo o último opcional, com foco no aprofundamento e celebração das ações. A abordagem central baseia-se em metodologias participativas e dinâmicas de mobilização social, privilegiando a construção coletiva do conhecimento e o engajamento comunitário. Técnicas como diálogo circular, roda de conversa,

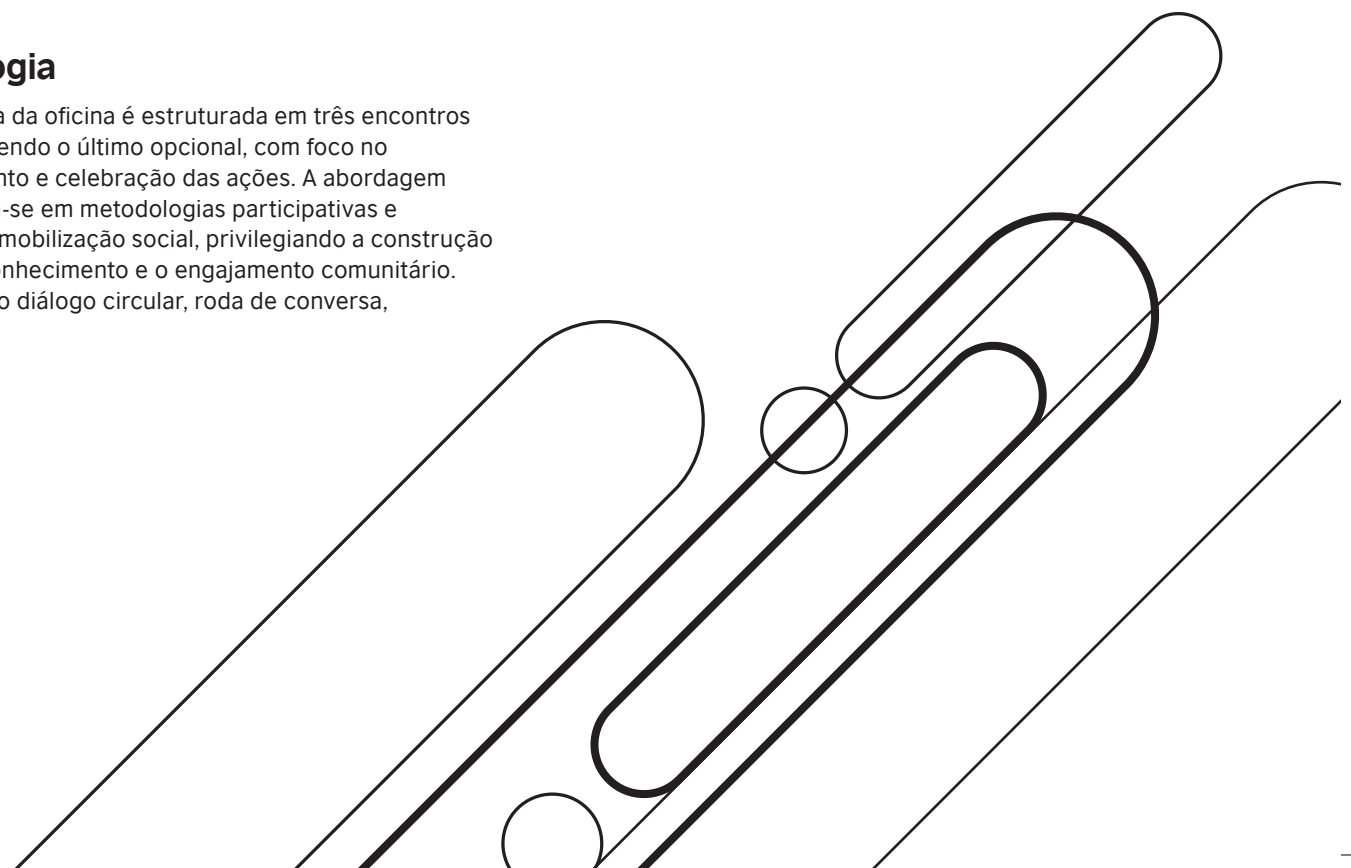
mapeamento participativo e trabalho em grupo são empregadas para garantir que os participantes não sejam meros receptores de informação, mas protagonistas ativos na identificação de problemas e na elaboração de soluções práticas para sua realidade local.

O processo é desenhado para ir da sensibilização à ação, iniciando com a criação de vínculos e a valorização das identidades e saberes locais, avançando para a compreensão conceitual de resiliência e culminando na elaboração colaborativa de planos de ação concretos. A inspiração em estudos de casos reais, como os de comunidades amazônicas e projetos do Cemaden, fornece um repertório tangível para que as propostas sejam contextualizadas e viáveis, transformando a teoria em iniciativa prática.

Como legado, a metodologia visa fomentar a criação de espaços permanentes de diálogo na escola e na comunidade, fortalecendo uma rede de proteção e promoção da cidadania ativa. O princípio de “pensar globalmente e agir localmente” é colocado em prática, capacitando a comunidade escolar para responder de forma efetiva aos impactos das mudanças climáticas, com base na cooperação, no planejamento participativo e no compromisso coletivo com um futuro mais sustentável e resiliente.

Competências a serem desenvolvidas

A oficina Escolas Resilientes está alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e contribui para o desenvolvimento de competências essenciais à formação integral dos estudantes. Entre elas, destacam-se o autoconhecimento, a empatia, a cooperação e a responsabilidade social — habilidades fundamentais para enfrentar adversidades, promover o bem-estar coletivo e construir uma sociedade mais justa e sustentável.



Competência	Descrição
Competência Geral 8: Autoconhecimento e Autocuidado	Estimula os estudantes a reconhecerem suas emoções, desenvolverem a autoestima e cuidarem de sua saúde física e emocional. Em uma oficina sobre escolas resilientes, os alunos podem aprender a identificar e gerenciar suas emoções, promovendo o bem-estar pessoal e coletivo
Competência Geral 9: Empatia e Cooperação	Fomenta a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeitar as diferenças e trabalhar em equipe. Atividades que envolvem a construção de ambientes escolares seguros e acolhedores promovem o desenvolvimento da empatia e da colaboração entre os estudantes.
Competência Geral 10: Responsabilidade e Cidadania Cultura Digital	Encoraja os alunos a agirem com responsabilidade, ética e compromisso com o bem comum. Discutir estratégias para tornar a escola mais resiliente diante de crises, como desastres naturais ou pandemias, reforça a importância da participação ativa e consciente na comunidade escolar.

Fonte: Adaptado da BNCC (2017) e BNCC Computação (2022).

Temas Transversais Abordados

Educação Socioemocional: Desenvolvimento de habilidades como empatia, resiliência e autorregulação emocional, essenciais para lidar com situações adversas e promover um ambiente escolar saudável.

Projeto de Vida: Reflexão sobre os objetivos pessoais e profissionais dos estudantes, incentivando a construção de um futuro alinhado com seus valores e aspirações.

Trabalho Coletivo: Valorização do trabalho em equipe, da tolerância e da cooperação para alcançar objetivos comuns e enfrentar desafios coletivos.

Público-alvo

Toda a comunidade escolar: professores, gestores, alunos, famílias, equipe de apoio e comunidade local.

Duração:

Dois encontros de 2h cada, com um terceiro encontro opcional para aprofundamento e celebração das ações implementadas.

Recursos necessários

Os recursos, como materiais didáticos, ferramentas tecnológicas e ambientes de aprendizagem, são elementos essenciais que, quando bem selecionados e utilizados, contribuem para a estimulação da aprendizagem, facilitando o processo de ensino (GAGNÉ, 1975).

É importante reforçar que não é necessário procurar recursos novos e complexos; mas é inegável a importância de entender e dominar a usabilidade das ferramentas propostas. Se for incrementar as atividades nos encontros, garanta que o facilitador saiba como conduzir o que é proposto.

Recursos Humanos

Para a implementação da oficina, a Escola poderá fazer parcerias com profissionais aptos a desenvolver o trabalho com a comunidade escolar.

- 1 facilitador (no mínimo)
- Monitores (caso precisem)
- Comunidade escolar

Recursos Materiais

- Canetas coloridas
- Lápis pretos
- Lápis coloridos
- Folhas ou bloco para anotações
- Post-its coloridos
- Lousa
- Flipchart
- Cartolina
- Revistas para recortar
- Caixa de som
- Lista de presença

Recursos Digitais

Os equipamentos eletrônicos a serem disponibilizados pela escola não podem integrar as despesas com a oficina.

- Wi-fi (rede para internet)
- Notebooks
- Celulares

Gastos com Custeio

O recurso financeiro destinado ao Programa Escola e Comunidade (Proec) possui apenas a categoria de custeio, podendo ser utilizado para:

- aquisição de material de consumo;
- contratação de profissional especializado;
- contratação de serviços;
- aquisição de lanche para consumo durante a realização das atividades pedagógicas.

Outras orientações sobre a execução financeira do Programa podem ser consultadas no Guia de Execução dos Recursos do PDDE Escola e Comunidade, disponível no portal do Proec: <https://www.gov.br/mec/pt-br/proec>.

Gastos com Capital

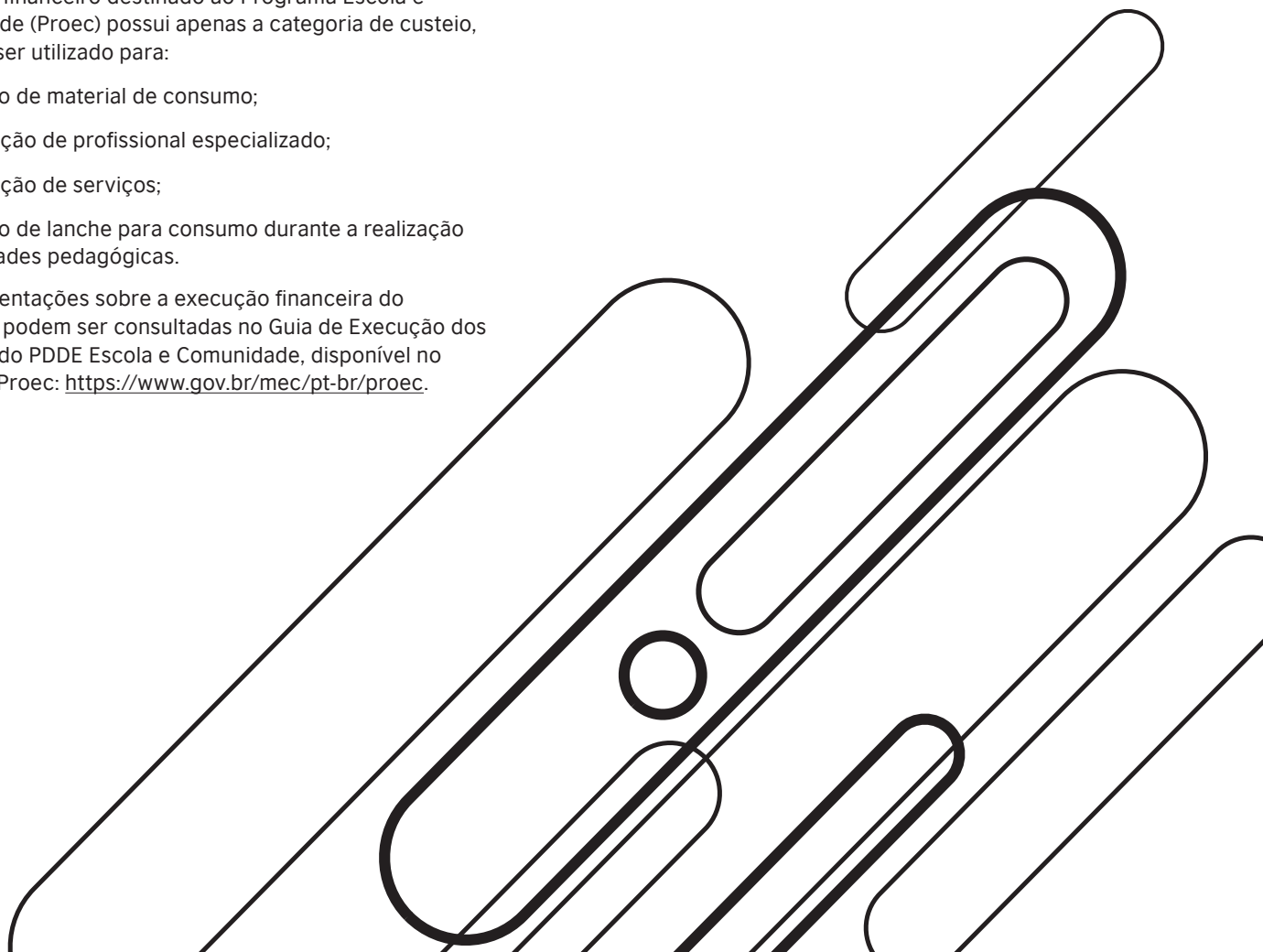
As despesas com capital são aquelas que correspondem aos gastos para a produção ou geração de novos bens, ou serviços que ficarão como patrimônio, por exemplo, móveis/eletrônicos para a escola.

Recursos Financeiros

PDDE Escola e Comunidade é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas pelo Programa Escola e Comunidade para viabilizar a execução do Projeto de Formação da escola.

Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Escola e Comunidade são de custeio e poderão ser utilizados na contratação de serviços e compra de material de consumo para a realização desta ação.

Então, o que pode ou não pode comprar com os recursos financeiros repassados pelo PDDE Escola e Comunidade que são de CUSTEIO?



PODE ✓	NÃO PODE ✗
Materiais para a oficina	Eletrônicos para a escola
Folhas, cadernos, canetas e outros materiais necessários à realização da oficina, bem como a impressão específica dos materiais utilizados nas atividades.	Computadores e impressoras destinados à escola
Itens para cada um dos participantes destinados ao uso na oficina	Prêmios ou presentes
Contratação de palestrantes Itens para compor o espaço necessário para a oficina	Gastos com pessoal (incluindo salário, férias, 13º, diárias e passagens), bem como com reformas ou ampliação de áreas construídas

Para saber mais, acesse o Guia de Execução dos Recursos do PDDE, acessando o [link: https://www.gov.br/fnde/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pddeGUIADEEXECUODOSRECURSODOPDDE\4FINAL.pdf](https://www.gov.br/fnde/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pdde/media-pddeGUIADEEXECUODOSRECURSODOPDDE\4FINAL.pdf)

De acordo com orientação do FNDE, é permitida a contratação de pessoa física para o desenvolvimento de atividades previstas no Projeto de Formação da escola. Nesse caso, pode ser aceito recibo como documento probatório da despesa, desde que nele constem, no mínimo, as especificações dos serviços, o nome, CPF, RG, endereço, telefone e a assinatura do prestador. Vale ressaltar que não é permitida a contratação de profissionais da escola para o desenvolvimento das atividades previstas no Projeto de Formação da escola.

De acordo com a Resolução FNDE nº 15, de 16 de setembro de 2021, é vedada a aplicação dos recursos do PDDE e Ações Integradas em:

I – implementação de outras ações que estejam sendo objeto de financiamento por outros programas executados pelo FNDE, exceto aquelas executadas sob a égide das normas do PDDE e Ações Integradas (Exemplo: Livros didáticos já distribuídos pelo PNLD);

II – Gastos com pessoal (exemplo: contador, secretária).

III – Pagamento, a qualquer título, de:

a) Agente público ativo por serviços prestados, incluindo consultoria, assistência técnica ou atividades assemelhadas.

b) Pagamento por serviços prestados por servidor público ativo, ou empregado de empresa pública ou de sociedade de economia mista em empresas privadas que tenham servidor público em seu quadro societário, mesmo que o serviço prestado seja de consultoria, assistência técnica ou assemelhados.

c) Despesas de manutenção predial, tais como aluguel,

conta de telefone, água, luz e esgoto.

d) Despesa de caráter assistencialista (exemplo: uniforme, material escolar para o aluno).

IV – Cobertura de despesas com tarifas bancárias não previstas em acordo entre o FNDE e o Banco do Brasil.

V – Dispêndios com tributos federais, distritais, estaduais e municipais, quando não incidentes sobre os bens adquiridos, produzidos ou sobre os serviços contratados para a consecução dos objetivos do PDDE e Ações Integradas.

VI – Passagens e diárias.

VII – Combustíveis e materiais para manutenção de veículos e transportes destinados a atividades administrativas.

VIII – Flores, festividades, comemorações, coquetéis, recepções, prêmios e presentes.

IX – Reformas de grande porte e ampliação de áreas construídas.

Local

Pensar em um espaço acolhedor é, de fato, pensar em acolher a todos, sem exceção. Esse compromisso com a inclusão e o bem-estar de cada participante ganha mais significado quando alinhado à política de Proteção Integral do British Council, que determina a criação de um ambiente seguro. Em suas diretrizes, destaca-se que crianças e adultos envolvidos devem estar livres de qualquer risco de lesão, exploração ou violação de seu bem-estar físico e emocional.

Esse cuidado não se limita à infraestrutura física; estende-se aos valores de respeito, responsabilidade e solidariedade, que devem permeiar todo o planejamento e desenvolvimento dos encontros. Ao estruturar o ambiente de forma sensível, garantimos não apenas que ele atenda às necessidades logísticas, mas também que promova a segurança, o cuidado e a confiança de todos os presentes.

Divulgação

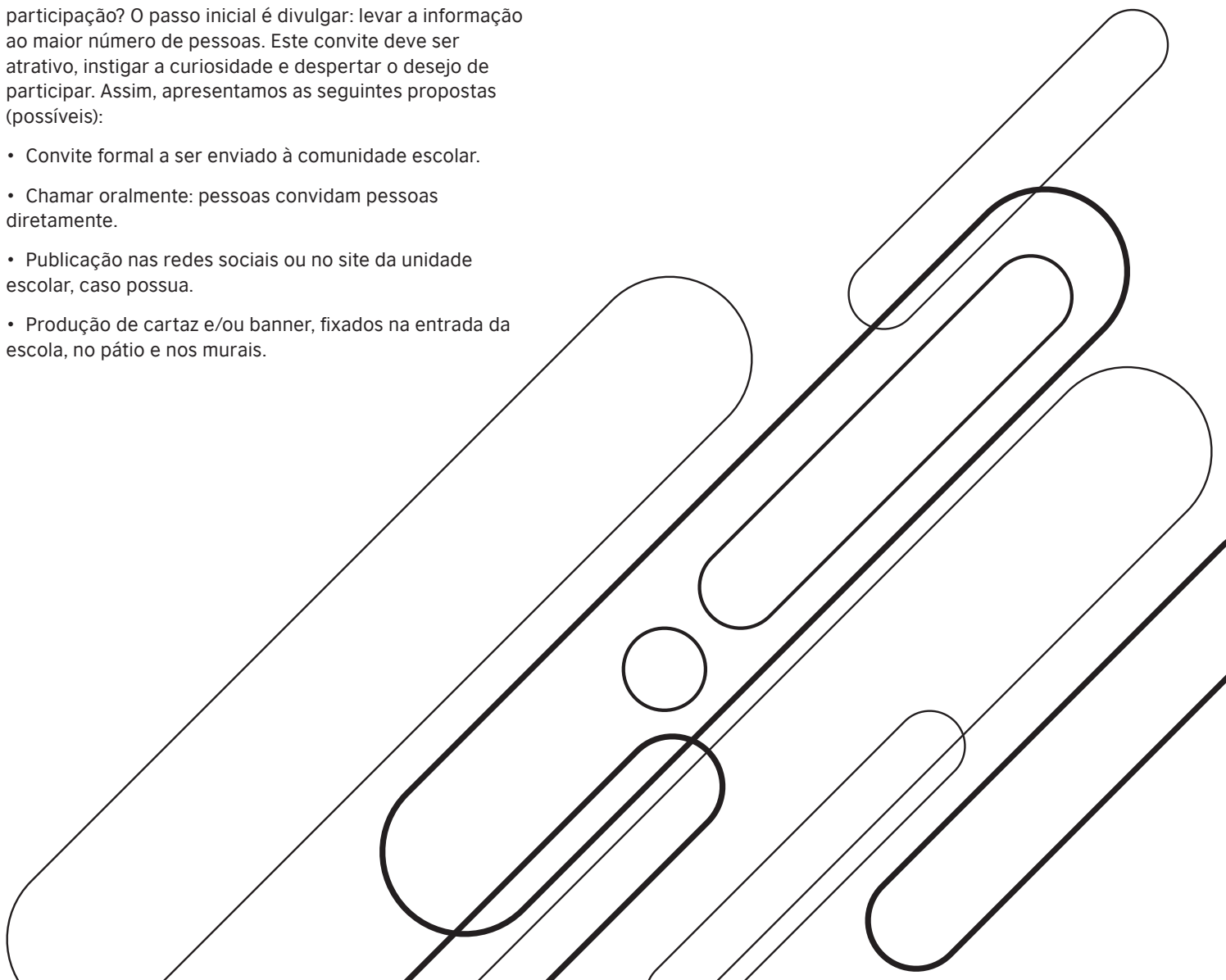
A divulgação é uma etapa fundamental para a efetividade da oficina. Afinal, para que a oficina ocorra, é necessária a adesão da comunidade escolar. E como ter essa participação? O passo inicial é divulgar: levar a informação ao maior número de pessoas. Este convite deve ser atrativo, instigar a curiosidade e despertar o desejo de participar. Assim, apresentamos as seguintes propostas (possíveis):

- Convite formal a ser enviado à comunidade escolar.
- Chamar oralmente: pessoas convidam pessoas diretamente.
- Publicação nas redes sociais ou no site da unidade escolar, caso possua.
- Produção de cartaz e/ou banner, fixados na entrada da escola, no pátio e nos murais.

Impacto esperado

A oficina tem como foco o fortalecimento e o estímulo à participação qualificada da família e da comunidade na escola. Como impacto esperado se tem:

- Aumento da interação das famílias e da comunidade nas ações da escola.
- Desenvolvimento de ações para o uso responsável da tecnologia, compreendendo seus impactos no cotidiano escolar e social.
- O envolvimento de toda a comunidade escolar na elaboração da missão e da visão da escola.



Pontos de atenção

É importante que, em reuniões, oficinas e eventos, a gestão escolar estabeleça políticas que garantam maior segurança aos participantes. Caso a escola já possua políticas bem definidas, a equipe gestora deve orientar os participantes das oficinas. Como sugestão, apresentamos algumas propostas utilizadas pelo Conselho Britânico.

Política de Igualdade

Igualdade busca erradicar discriminação injustificada com base em critérios irrelevantes e promover os direitos humanos e a justiça social.

Quando falamos de igualdade no Conselho Britânico, queremos dizer “tratar as pessoas de forma justa, imparcial e sem preconceitos”. Significa criar condições no local de trabalho e na sociedade em geral que incentivem e valorizem a diversidade, promovam a dignidade e a inclusão, além de uma abordagem culturalmente sensível.

Igualdade não é somente tratar todos da mesma maneira, mas sim tratar as pessoas de forma equitativa. Isso envolve reconhecer e tentar corrigir desequilíbrios por meio de uma abordagem diferenciada, quando necessário e apropriado.

Política de Proteção Integral

Um ambiente seguro é onde crianças e adultos tenham certeza de que não sofrerão injúria, exploração ou qualquer outro tipo de alteração em seu bem-estar físico ou emocional.

A exploração, o abuso e o assédio sexual (SEAH, na sigla em inglês) representam uma categoria distinta de violência,

apresentando riscos únicos para indivíduos e populações vulneráveis, incluindo crianças, adultos, refugiados e pessoas desabrigadas. Enfatizar a SEAH nesta política visa promover uma cultura de respeito, igualdade e não discriminação, desencorajando comportamentos prejudiciais.

Política de Proteção de Dados Pessoais

Deve-se realizar um tratamento de dados pessoais conforme as previsões da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

Etapas Da Oficina

A oficina é uma metodologia de trabalho participativa que valoriza a formação colaborativa, promovendo a interação e a troca de saberes por meio de uma relação horizontal entre todos os envolvidos. Propomos, ao facilitador, a organização do processo em três etapas interdependentes, cada uma com objetivos e ações específicas, conforme detalhado a seguir:

Primeira Etapa: Construção do Espaço de Acolhimento

Objetivo: Criar um ambiente físico e simbólico que promova segurança, confiança e senso de pertencimento, favorecendo a abertura ao diálogo e o fortalecimento de vínculos.

Descrição:

O espaço de acolhimento é o coração da oficina — um lugar preparado para receber participantes de maneira afetiva e significativa. Ele pode ser:

- **Fixo:** Se a escola dispuser de um ambiente dedicado, que não interfira em outras atividades;
- **Móvel:** Se for necessário montar e desmontar a cada encontro, adaptando-se à rotina escolar.

Elementos de construção do espaço:

- **Identidade e afeto:** Fotos de familiares, desenhos, objetos pessoais ou símbolos que representem a história e os laços dos participantes.
- **Organização física:** Disposição em círculo, com espaço para movimentação e interação.
- **Simbolismo:** Um ambiente que comunique segurança, respeito e acolhimento, reduzindo distâncias entre as pessoas e fortalecendo o senso de comunidade (“nós”).

Pergunta-guia para o facilitador:

“Este espaço permite que todos se sintam seguros, ouvidos e parte de um coletivo?”

Segunda Etapa: Realização dos Encontros

Objetivo: Desenvolver, por meio de dinâmicas participativas e mediação qualificada, processos de reflexão, diagnóstico e planejamento de ações resilientes.

Descrição:

Esta etapa constitui o núcleo formativo da oficina, conduzida por um facilitador — preferencialmente alguém da própria comunidade escolar —, com o apoio de roteiros detalhados e metodologias ativas.

Características:

- **Mediação facilitadora:** Valoriza a escuta, a pergunta e a construção coletiva.
- **Metodologias participativas:** Rodas de conversa, mapeamentos afetivos, jogos cooperativos, diagnósticos territoriais etc.
- **Flexibilidade:** As atividades podem ser adaptadas

conforme o perfil do grupo e o contexto local.

Fundamento pedagógico:

Horizontalidade, diálogo de saberes e educação transformadora.

Pergunta-guia para o grupo:

“O que estamos aprendendo juntos e como podemos transformar isso em ação?”

Terceira Etapa: Redivulgação e Sistematização dos Encontros

Objetivo: Sistematizar, comunicar e dar continuidade às ações planejadas, garantindo visibilidade e sustentabilidade às iniciativas surgidas na oficina.

Descrição:

Etapla crucial para consolidar os aprendizados e garantir que as propostas não se encerrem nos encontros. Envolve:

- Registro e divulgação:
- Publicação dos resultados na aba “Projetos” do aplicativo Clique Escola;
- Divulgação em murais, redes sociais, boletins ou rádios comunitárias;
- Registro de adaptações, rearranjos e inovações geradas durante o processo.
- Encaminhamentos concretos:
- Elaboração de planos de ação;
- Definição de responsáveis e prazos;
- Articulação com conselhos escolares, grêmios e outras instâncias de participação.
- Avaliação contínua:
- Espaço para feedback e ajustes;
- Identificação de impactos e desafios.

Pergunta-guia para a comunidade:

“Como podemos manter viva a chama acesa nesta oficina?”

Por fim, reunir todas as considerações discutidas durante a oficina e colocá-las em prática:

- Nas propostas de ações para fortalecer a resiliência da escola frente às mudanças climáticas, de forma responsável, compreendendo seus impactos no cotidiano escolar e social.
- Na elaboração de planos de ação que visem à conscientização e ao cuidado mútuo, sempre com o envolvimento de toda a comunidade escolar.
- Nos planos de ação para o enfrentamento de riscos construídos pela comunidade escolar.
- Nas reformulações do Projeto Político Pedagógico (PPP) nesse novo viés da escola.

Encontro da Oficina

Os encontros são momentos de interação entre a comunidade escolar e a comunidade local em que há a abordagem de uma determinada temática. O ideal é que aconteçam semanalmente ou, no máximo, quinzenalmente. Devem ser mediados por um facilitador que, preferencialmente, deve ser um membro da comunidade escolar.

Primeiro Encontro

O primeiro encontro é o momento de reconhecimento de si e do grupo. É a interação inicial que consolida os primeiros vínculos e laços entre os participantes.

Neste espaço, é importante apresentar o tema, identificar os contextos e, por fim, identificar tanto as mudanças imediatas quanto aquelas em processo de construção.

O grupo deve, na medida do possível, ser composto por representantes de todos os setores, - docentes, gestores, técnicos administrativos, prestadores de serviços, familiares e estudantes — assegurando, assim, a representatividade de todos os segmentos.

O Primeiro Encontro divide-se em duas partes:

Parte 1: Com foco na criação de vínculos, por meio da dinâmica “Minha Raiz, Meu Ramo”.

Parte 2: Intitulada “Meu Bairro, Minha Identidade: O Começo da Jornada Resiliente”, esta etapa conecta identidade local, sensibilidade socioambiental e ação colaborativa na escola, promovendo o fortalecimento da resiliência comunitária e a formação integral dos estudantes.

Segundo Encontro

No segundo encontro, o foco transita da construção de vínculos iniciais para o aprofundamento reflexivo e o planejamento coletivo de ações concretas. Esta etapa deve dar continuidade orgânica ao que foi iniciado anteriormente, resgatando avanços e introduzindo novos desafios para manter o engajamento do grupo.

O Segundo Encontro também se organiza em duas partes:

Parte 1: “Compreendendo a Escola Resiliente” — retoma os aprendizados da atividade anterior e explora os conceitos de resiliência escolar frente às mudanças climáticas.

Parte 2: “Mapeando Caminhos para a Ação” — desenvolve a capacidade dos participantes de identificar espaços da escola e da comunidade que apresentam riscos ambientais e sociais.

Terceiro Encontro (opcional)

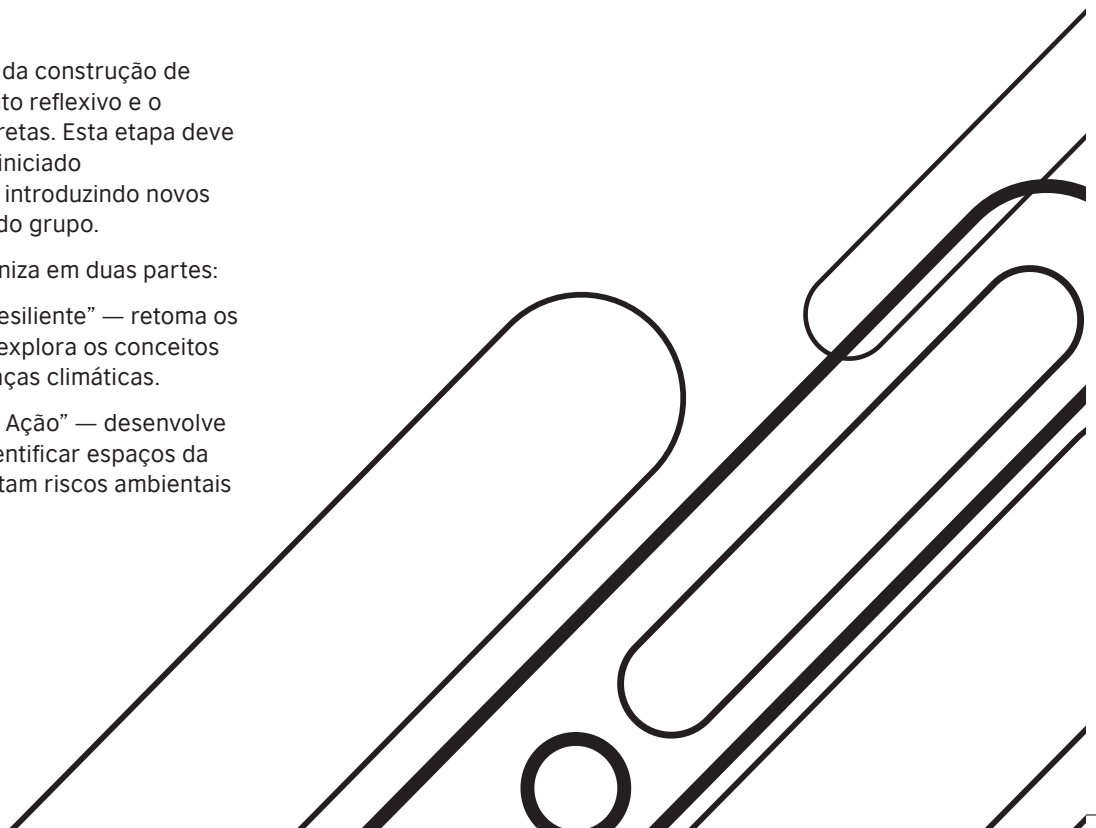
Este encontro é um diferencial (“plus”) e tem como foco a construção de um plano de ação com propostas concretas e mobilizações para a resiliência.

O Terceiro Encontro divide-se em:

Parte 1 – “Construir e Inspirar” — converte observações em ações propositivas, organizando ideias em um plano inicial.

Parte 2 – “Conectando Ideias e Ações” — incentiva a criação de planos de ação resilientes, inspirados em projetos reais e contextualizados na vivência da escola e da comunidade, transformando teoria em prática.

A criação de vínculos constitui a base da educação socioemocional, desempenhando um papel fundamental no fortalecimento de relações saudáveis. Esse processo oferece elementos essenciais que facilitam a aproximação entre as pessoas e a identificação de interesses comuns, permitindo que mesmo em meio às diferenças, sejam reconhecidos os pontos de convergência que existem em qualquer tipo de relacionamento. Dessa forma, promove-se um ambiente de respeito, empatia e pertencimento, essencial para o desenvolvimento integral do indivíduo e do grupo.





Encontro 1 – Atividade 1 – Minha Raiz, Meu Ramo

Recepção – Boas-vindas

Deve-se atentar especialmente à luminosidade do ambiente, garantindo que seja adequada para que todos possam enxergar uns aos outros com clareza. Da mesma forma, em relação à ambientação sonora, caso haja música, recomenda-se optar por trilhas calmas e instrumentais, que favoreçam a concentração e o relaxamento.

A organização do espaço também merece cuidado: dispor as cadeiras — se houver — e posicionar o facilitador de modo a promover contato visual direto entre todos. É fundamental que as pessoas possam se ver e se reconhecer como grupo.

Além disso, é importante assegurar que o local seja bem ventilado e confortável.

Esse momento inicial — de recepção — será recorrente. Por isso, sugere-se preparar uma mesa de acolhimento na entrada, onde os participantes possam assinar a lista de presença, preferencialmente com o facilitador ou equipe presente para recebê-los de forma calorosa.

Caso haja crianças acompanhadas de familiares, é recomendável que sejam acolhidas em um espaço específico. No âmbito do MEC, estudantes participam das oficinas, com os familiares e/ou comunidade, já que o objetivo do Programa é o envolvimento dos participantes em prol do desenvolvimento do estudante.

Conteúdo

Trabalhar os conceitos de identidade, pertencimento e conexão com o território e a natureza, promovendo a integração inicial dos participantes por meio de metáforas ecológicas que estimulem a reflexão sobre o papel de cada um nos ambientes escolar e comunitário.

Dinâmica de Integração e Acolhimento – “Minha Raiz, Meu Ramo”

Objetivos

- Estimular conexões interpessoais significativas logo no início da atividade.
- Fortalecer vínculos emocionais e promover empatia entre os participantes.
- Valorizar a escuta ativa e o reconhecimento do outro como parte integrante da comunidade.
- Criar um ambiente acolhedor, criativo e inclusivo.
- Incentivar a troca simbólica sobre identidade, origens e expectativas.
- Conectar o tema da oficina (“Escola Resiliente”) à experiência pessoal e afetiva de cada participante.

Materiais Necessários

- Opção 1 - Folhas A4 com desenho de uma árvore (tronco e galhos sem folhas) para cada participante (ver Anexo B);
- Opção 2: um grande cartaz com desenho de árvore de raízes expostas, fixado na parede, e post-its coloridos;
- Canetas, lápis ou marcadores;
- Música instrumental suave (opcional);
- Pannel coletivo ou espaço na parede para expor as árvores.

Passo a Passo

1. Preparação do Ambiente

- Organize o espaço com cadeiras em círculo ou semicírculo para facilitar a interação.
- Certifique-se de que a iluminação e a ventilação estão adequadas.
- Coloque uma música suave e instrumental para ambientar (opcional).

2. Apresentação da Atividade

- Distribua a cada participante uma folha com a árvore (ou explique o uso dos post-its no cartaz coletivo).
- Explique que a árvore simboliza a história e os sonhos de cada um dentro da comunidade escolar.

3. Execução da atividade:

- No tronco, escreva seu nome.
- Nas raízes, registre o que te conecta a esta comunidade (uma memória, um aprendizado, um sentimento).
- Nos galhos, desenhe ou escreva o que você deseja construir durante esta oficina (novas amizades, ações concretas, esperanças).
- Reserve um momento de silêncio para que todos possam refletir e preencher sua árvore.

4. Interação em Duplas

- Peça que circulem livremente pelo espaço ao som de uma música suave.
- Ao sinal, formem duplas aleatórias.
- Cada participante compartilha com o parceiro:
 - O que escreveu nas raízes?
 - O que espera ver crescer nos galhos?
 - Algo que traz no coração e ainda não registrou.
- Após 5 minutos, formem novas duplas e repitam a troca.

5. Compartilhamento Coletivo (Opcional)

- Voltem ao círculo e convidem quem desejar a compartilhar brevemente algo que aprendeu ou sentiu durante as trocas.
- Questione: “O que suas raízes trazem de conexão com esta escola ou comunidade?”

6. Construção do Bosque Simbólico

- Colem todas as árvores em um painel coletivo, formando um “Bosque da Comunidade Resiliente”.
- Caso utilize o cartaz grande, fixem os post-its nas raízes, tronco e galhos correspondentes.

7. Encerramento Simbólico

- Ressalte a importância da diversidade e da força coletiva:

“Assim como as árvores compartilham nutrientes e resistem juntas às intempéries, nós também somos mais fortes quando unidos.”

- Deixe o painel exposto durante toda a oficina como lembrete visual da união do grupo.

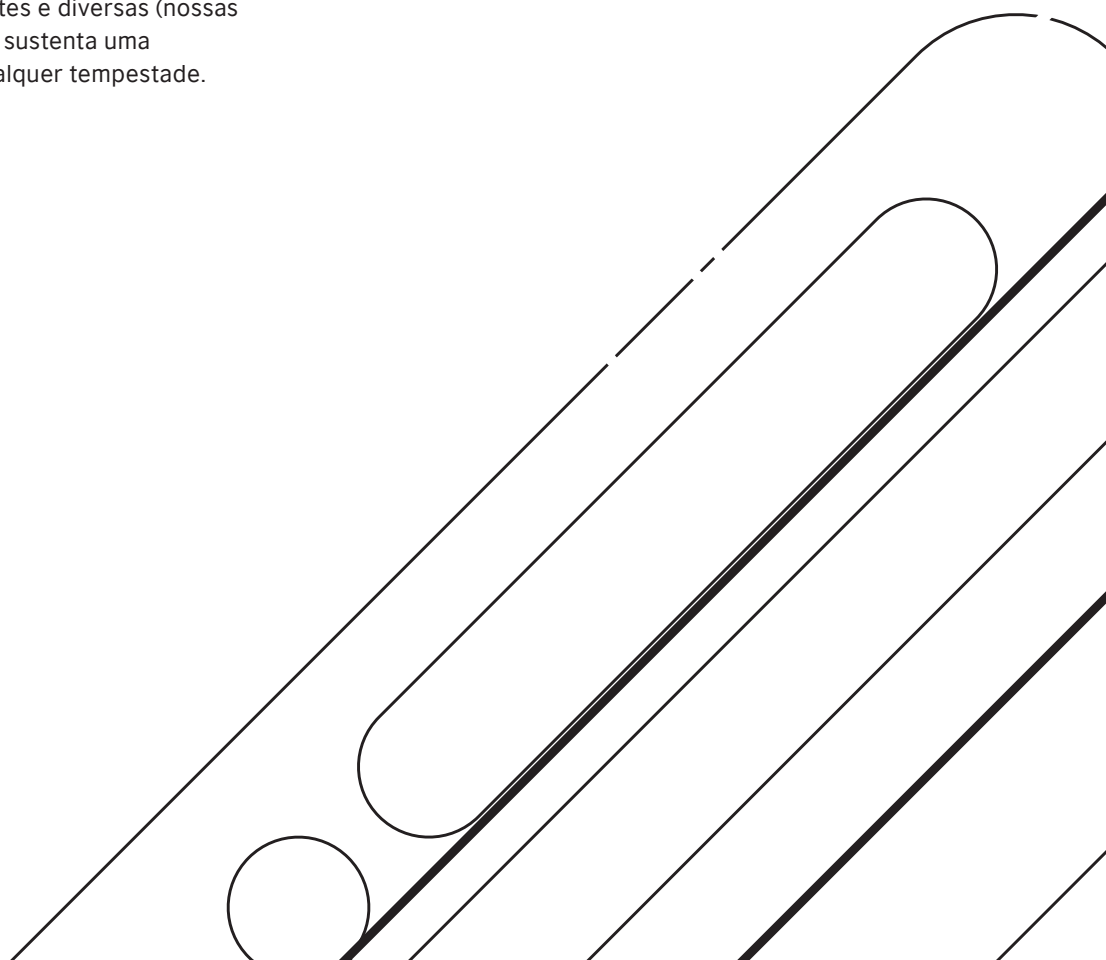
Recomendações ao Facilitador

Para uma condução acolhedora e eficaz:

- Prepare-se com afeto: Antes do encontro, leia o Anexo A – Criação de Vínculos. Ele oferece *insights* valiosos para você guiar essa dinâmica com ainda mais sensibilidade.
- Crie a atmosfera certa: Uma música instrumental e suave ao fundo pode ajudar a criar um clima de concentração e confiança durante a atividade.
- Respeite os ritmos: Cada pessoa precisa de um tempo para refletir. Não apresse as etapas de silêncio e preenchimento individual – esse momento interno é fundamental.
- Dê o exemplo comece por você: Compartilhe a sua própria árvore primeiro. Essa atitude genuína quebra o gelo, inspira confiança e mostra que todos estão ali em um pé de igualdade.
- Maneje o tempo com sabedoria: Se o grupo for muito grande, faça apenas duas rodadas de conversa em duplas para garantir que a dinâmica flua bem.
- Guie com cuidado: Valide todas as contribuições com palavras de aceitação. Se alguém preferir não compartilhar publicamente, respeite essa decisão. O silêncio também é uma forma de participação.
- Evite comparações: Lembre ao grupo que não há histórias certas ou erradas. A riqueza está justamente na diversidade de trajetórias que compõem a comunidade.
- Feche com chave de ouro: Ao final, retome a metáfora da árvore. Reforce como raízes fortes e diversas (nossas histórias e origens) são a base que sustenta uma comunidade capaz de resistir a qualquer tempestade.

Resultados Esperados

- Estabelecimento de confiança e *rapport* entre os participantes;
- Sensação de acolhimento e identificação com o grupo;
- Integração entre o tema ambiental e as dimensões humana e comunitária;
- Reconhecimento das histórias pessoais como parte do todo;
- Fortalecimento do senso de pertencimento e propósito coletivo.





Encontro 1 – Atividade 2 – Meu Bairro, Minha Identidade: O Começo da Jornada Resiliente

Conteúdo

- Percepção de risco ambiental;
- Sentimento de pertencimento e protagonismo local;
- Introdução aos conceitos de resiliência e Redução de Riscos de Desastres (RRD) no contexto escolar e comunitário.

Identidade do Bairro

Aquecimento – roda de conversa

- Em círculo, o facilitador lança as perguntas:
 - Pensem nos últimos anos: quais eventos climáticos ou problemas ambientais

afetaram nossa escola ou vizinhança?”

- “Como isso impactou seu dia a dia, aprendizagem ou bem-estar?”
- “Como a comunidade reage a eventos extremos?”
- Reserve tempo equilibrado para cada participante compartilhar.

Atividade Prática – cartaz coletivo

- Distribua post-its ou folhas de sulfite.
- Cada um escreve:
 - Uma palavra associada às mudanças climáticas ou problemas ambientais;

- Registre em um post-it ou em uma folha de sulfite uma palavra que expresse uma consequência das mudanças climáticas ou dos problemas ambientais observada no bairro ou na escola.

- Juntem os post-its ou as folhas de sulfite em um cartaz coletivo e coloquem-no em um lugar visível.

Mapa Afetivo do Bairro

Preparação

- Consulte o Anexo C – Orientações para a Caixa da Identidade do Bairro.

- Disponibilize uma caixa com objetos, imagens ou palavras que representem o bairro (ex.: foto da praça, item relacionado a risco ambiental).

Escolha e Compartilhamento

- Cada participante escolhe um item da caixa e compartilha em roda:

- *“Por que escolheu este item?”*
- *“O que ele representa em sua vivência?”*

Produção em Duplas Rotativas

- Formem duplas e criem juntos um registro (desenho, colagem, símbolo) que expresse a relação com o bairro a partir do item escolhido.

Montagem do Painel Coletivo

- Cada dupla acrescenta seu símbolo ao “Mapa Afetivo do Bairro” (ver Anexo D).

- O mapa integrará múltiplas perspectivas e emoções sobre o território.

Reflexão Guiada (ver Anexo E para mais sugestões)

- Questione o grupo:

- *“Quais símbolos predominam? Por quê?”*
- *“O que seu objeto revela sobre como você se sente em relação ao bairro?”*
- *“Quais lembranças ou sentimentos bons foram compartilhados?”*
- *“Como a escola pode fortalecer o bairro?”*
- *“Como fortalecer a parceria entre a escola e a comunidade local frente aos desafios das mudanças climáticas e dos problemas ambientais?”*

Objetivos

- Desenvolver senso de pertencimento e identidade com o bairro e a escola;
- Estimular a percepção de riscos e potencialidades locais;
- Introduzir o conceito de escola resiliente baseada em conhecimento e cooperação.

Recomendações ao Facilitador

Dicas para potencializar essa atividade:

- **Conheça o território:** Se possível, pesquise sobre a história e as características do bairro antes da oficina. Isso permitirá que você prepare a “Caixa da Identidade” com itens realmente significativos, que vão ressoar com a experiência do grupo.
- **Incentive a criatividade:** Alguns vão preferir escrever, outros desenhar ou usar símbolos. Celebre todas as formas de expressão! O importante é que cada um se sinta à vontade para externalizar suas percepções.
- **Escute para mediar:** As escolhas dos participantes na caixa são ótimos “gatilhos” para aprofundar a conversa. Pergunte: “O que te levou a escolher este objeto?”.
- **Capture as ideias do grupo:** À medida que as discussões forem acontecendo, registre as palavras-chave e os conceitos que surgirem em um cartaz visível a todos. Isso ajuda a sintetizar o pensamento coletivo.
- **Mantenha um ambiente seguro:** Aceite todas as vivências e percepções sem julgamento. O objetivo é construir um entendimento coletivo, e não debater opiniões individuais.
- **Conduza à ação:** Na finalização, não deixe de fazer a ponte entre as memórias afetivas e os desafios atuais. Pergunte: “Como tudo o que compartilhamos hoje nos ajuda a pensar em ações para fortalecer nossa escola e nosso bairro?”. Isso conecta a identidade local ao tema central da resiliência.

Resultados Esperados

- Maior engajamento com o tema da resiliência;
- Fortalecimento de vínculos comunitários;
- Identificação de riscos e potencialidades do bairro;
- Criação de um painel coletivo para uso em oficinas futuras.



Encontro 2 – Atividade 1 – “Compreendendo a Escola Resiliente”

Conteúdo

No nosso primeiro encontro, fortalecemos nossos laços e mapeamos os desafios do nosso território. Agora, vamos unir essas descobertas para compreender profundamente o que é uma escola resiliente e dar os primeiros passos para a ação

Acolhimnetos e Boas-Vindas – “O que ficou em mim?”

Dinâmica Inicial

- Recepcione os participantes e diga:

“Hoje retomamos nossa caminhada rumo a uma escola mais resiliente. Vamos recordar o que ficou do nosso primeiro encontro: que palavra, imagem,

emoção ou ideia você levou para casa?”

Escrita Individual

- Distribua dois post-its para cada participante.
 - No primeiro: escrevam algo que ficou do encontro anterior (palavra, sensação, aprendizado);
 - No segundo: escrevam o que esperam construir hoje.

Colagem no Mural Coletivo

- Fixem os post-its em um mural dividido em duas partes:
 - “O que ficou em mim”
 - “O que quero construir”

Objetivo

Promover uma retomada afetiva e reflexiva, permitindo que os participantes expressem suas experiências anteriores e expectativas para o novo encontro.

Recomendações ao Facilitador

- Escreva seus próprios post-its para dar o exemplo;
- Valorize todas as respostas, sem julgamentos;
- Garanta tempo para reflexão individual;
- Use linguagem acolhedora e inclusiva;
- Materiais necessários:
 - Post-its ou papéis coloridos (2 por pessoa);
 - Canetas ou lápis;
 - Painel ou cartolina dividida em duas partes;
 - Música ambiente suave (opcional).

Resultados Esperados

- Retomada simbólica e emocional do encontro anterior;
- Clareza sobre as expectativas do grupo;
- Estímulo à escuta ativa e ao senso de coletividade;
- Engajamento para as etapas seguintes.

Compreendendo a Escola Resiliente**Recomendações ao Facilitador**

- Em círculo, leia a frase:
“Somos parte de uma teia viva. Cuidar do planeta é cuidar uns dos outros.”
- Pergunta disparadora:

“O que essa frase te faz pensar sobre escola, comunidade e meio ambiente?”

- Registre as palavras-chave em um painel ou quadro.

Análise Coletiva

- Incentive a observação silenciosa do painel;
- Destaque conexões entre as palavras (ex.: cuidado, união, meio ambiente);
- Comente:
“Estamos formando os primeiros fios da teia de ideias para uma escola resiliente.”

Conceito de Escola Resiliente

- Pergunte:
“Quando ouvem ‘escola resiliente’, o que vem à mente?”
- Registre as respostas;
- Compare as ideias iniciais com as do vídeo;
- Apresente uma definição clara (ver Anexo F), destacando:
 - Adaptação e enfrentamento;
 - Prevenção de riscos;
 - Cuidado mútuo e ambiental;
 - Participação comunitária.

Atividade em Grupos Pequenos

- Cada grupo elabora:
 - Uma frase ou cartaz-resumo sobre escola resiliente;
 - Uma proposta concreta para exemplificar o conceito.

Apresentações e Painel Coletivo

- Grupos compartilham suas criações;
- Montagem do painel: “Nossa Escola Resiliente é...”;
- Mediação com perguntas:
 - *“O que já temos de resiliente?”*
 - *“O que ainda falta?”*
 - *“Quem pode ajudar?”*

Compromissos Práticos

- Escolham coletivamente 1–2 ações para iniciar no dia seguinte;
- Registrem-nas em um “varal de compromissos” ou mural.

Objetivo da Dinâmica

Criar um espaço acolhedor e inspirador para refletir sobre escola resiliente, conectando conceitos teóricos com experiências e expectativas do grupo.

Recomendações ao Facilitador

- Organize as cadeiras em círculo para promover igualdade e proximidade;
- Mantenha silêncio após a leitura da frase para reflexão;
- Incentive registro livre e sem julgamentos;
- Gerencie o tempo (5–7 min por etapa);
- Use recursos visuais (painéis, vídeos) para engajamento.

Resultados Esperados

- Engajamento emocional e conceitual com o tema;
- Expressão coletiva de valores e visões sobre resiliência;
- Internalização do conceito de escola resiliente;
- Formulação de propostas concretas e compromissos iniciais.

Tempo Total Estimado: 60–75 minutos



Encontro 2 – Atividade 2 – Mapeando Caminhos para a Ação (Reflexão + Sistematização)

Conteúdo

Identificação colaborativa de riscos ambientais e sociais e de potenciais de fortalecimento da resiliência no espaço escolar.

Divisão em Grupos

- Forme pequenos grupos de 4–6 pessoas;
- Entregue a cada grupo um mapa da escola (planta baixa simples, desenhada ou impressa).

Instruções para Mapeamento

Cada grupo deve identificar e marcar no mapa:

- Vulnerabilidades:
 - Ex.: áreas de alagamento, acúmulo de lixo, calor excessivo, falta de acessibilidade, muros danificados, riscos elétricos;

- Use cor vermelha para marcar.
- Potencialidades:
 - Ex.: espaços para hortas, áreas sombreadas, locais para murais educativos, árvores frutíferas, jardins subutilizados;
 - Use cor verde para marcar.

Apresentação dos Grupos

- Cada grupo apresenta brevemente seus achados;
- Todos os mapas são dispostos em uma mesa ou parede para visualização coletiva.

Integração dos Resultados

- Participantes observam e comparam os mapas;
- Perguntas norteadoras:
 - “*Tem alguns exemplos para citar e facilitar a discussão?*”

- “Quais áreas têm maior potencial para ações coletivas?”

Discussão Coletiva

- Em roda, debata:
 - “O que mais surpreendeu nesse exercício?”
 - “Que local exige intervenção imediata?”
 - “Onde podemos agir ainda hoje?”

Priorização de Ações

- Cada participante recebe 3 adesivos (bolinhas, estrelas ou post-its);
- Marque nos mapas os 3 pontos mais urgentes ou promissores;
- Agrupe os pontos mais votados como prioridades coletivas.

Definição de Próximos Passos

- Forme 2–3 subgrupos por prioridade;
- Cada subgrupo define:
 - Uma ação imediata (ex.: instalar lixeiras, sinalizar riscos);
 - Recursos necessários (materiais, pessoas, apoio);
 - Responsáveis e prazos.

Registro e Visibilidade

- Elabore um mural ou cartaz com:
 - Mapas consolidados;
 - Prioridades;
 - Planos de ação;
 - Fixe em local visível para toda a comunidade escolar.

Objetivo

Reconhecer, de forma colaborativa, os espaços da escola que apresentam riscos e potencialidades, promovendo ações concretas para fortalecer a resiliência.

Recomendações ao Facilitador

- Incentive a reflexão sobre aspectos físicos, sociais e emocionais do espaço;
- Use fotos ou projeções para ilustrar áreas da escola, se possível;
- Mantenha postura investigativa e respeitosa, sem criticar a gestão;
- Materiais necessários:
 - Mapas da escola (A3/A4);
 - Marcadores, lápis de cor, canetas;
 - Post-its;
 - Cartolina ou painel para exposição.

Resultados Esperados

- Identificação clara de vulnerabilidades e potencialidades;
- Engajamento real e priorização coletiva de ações;
- Responsabilização compartilhada e planos concretos;
- Registro visual para orientar intervenções futuras.

Finalização: Celebração e Reconhecimento

Roda de Apreciações

- Em círculo, distribua uma folha com o nome de cada participante;
- Cada folha circula pelo grupo, e todos escrevem um elogio ou agradecimento;
- As folhas retornam aos donos, fortalecendo laços e autoestima.

Entrega de Certificados Simbólicos

- Entregue certificados personalizados (ex.: “Olhar Atento”, “Protagonismo Jovem”);
- Destaque qualidades específicas de cada participante.

Encerramento Coletivo

- Roda rápida de palavras:
 - “Fico feliz por ter...”
 - “Levarei dessa oficina...”
- Reforce o compromisso coletivo com a resiliência escolar.

Objetivo da Finalização

- Mantenha clima positivo e seguro;
- Gerencie o tempo para garantir fluidez;
- Personalize certificados para valorizar cada participante;
- Use música suave e disposição acolhedora.

Resultados Esperados da Finalização

- Elevação da autoestima e senso de reconhecimento;
- Fortalecimento de vínculos e pertencimento;
- Reflexão positiva sobre o processo e motivação para ações;
- Estabelecimento de cultura de valorização mútua na escola.

Tempo Total Estimado: 90–120 minutos



Encontro 3 – Atividade 1 – Dinâmica: Quebra-gelo com balões

Objetivo:

Promover um ambiente descontraído e acolhedor, incentivando a interação, a escuta ativa e a expressão pessoal, com perguntas que também introduzem reflexões sobre resiliência e território.

Tempo estimado:

15–20 minutos

Materiais necessários:

- Balões (1 por participante + extras)
- Pequenos papéis com perguntas
- Caneta
- Agulha, alfinete ou palito (para estourar os balões com segurança)
- Saco ou cesta para colocar os balões

Passo a passo:

1. Preparação prévia:

- Escreva perguntas variadas (leves, reflexivas e relacionadas ao tema da oficina) em tiras de papel.
- Coloque uma pergunta dentro de cada balão e encha-os.
- Disponha os balões em uma cesta ou saco no centro da sala.

2. Introdução:

- Organize os participantes em círculo.
- Explique o objetivo da dinâmica: “Vamos nos conhecer melhor de forma descontraída, com perguntas que podem ser divertidas ou inspiradoras.”

3. Execução:

- Cada participante escolhe um balão.
- Um por um, estoura o balão com cuidado

(usando alfinete ou palito) e retiram a pergunta.

- Leem a pergunta em voz alta e respondem para o grupo.
- Após responder, passam a vez para o próximo.

4. Encerramento

- Agradeça a todos pela participação e pela abertura.
- Ressalte a importância da escuta e do acolhimento no grupo.

Recomendações ao facilitador:

- Inclua perguntas como:
 - “Qual é uma qualidade sua que ajuda a superar desafios?”
 - “O que você mais valoriza no lugar onde vive?”
 - “Se você pudesse criar um superpoder para ajudar sua comunidade, qual seria?”
- Se o grupo for grande, limite o tempo de resposta para 1–2 minutos por pessoa.
- Caso alguém não queira responder, permita que passe a vez sem constrangimento.
- Mantenha um tom leve e incentive aplausos ou gestos de apoio após cada fala.

Resultado esperado:

Participantes mais relaxados, integrados e preparados para as etapas seguintes da oficina, em um clima de confiança e colaboração.

Dinâmica: Elaborando um Plano de Ação Resiliente

Objetivo:

Elaborar coletivamente planos de ação viáveis e contextualizados para fortalecer a resiliência da escola frente às mudanças climáticas, com base em vulnerabilidades e potencialidades previamente mapeadas.

Tempo estimado:

40–60 minutos

Materiais necessários:

- Template de Plano de Ação (modelo do Anexo G) – 1 por grupo;
- Cartolinas ou flip charts;
- Post-its e canetas coloridas;
- Fita adesiva;
- Cronômetro ou relógio visível.

Passo a passo:

1. Apresentação da atividade (5 min):
 - Explique o objetivo: “Vamos construir juntos planos de ações concretos e adaptados à realidade da nossa escola, com foco em resiliência climática.”

- Mostre um exemplo breve de plano preenchido para ilustrar.

2. Formação dos grupos (5 min):

- Divida os participantes em subgrupos de 4 a 6 pessoas, garantindo diversidade de perfis (professores, estudantes, funcionários, familiares, gestores).

- Use sorteio ou critério intencional para garantir representatividade.

3. Distribuição de materiais e explicação do template (5 min):

- Entregue para cada grupo;
 - 1 template impresso do Plano de Ação (Anexo G);
 - Cartolinas, post-its e canetas coloridas;
- Explique brevemente cada campo do template;
 - Problema identificado: Necessidade prioritária local;
 - Proposta de solução: Ação concreta a ser

implementada;

- Recursos disponíveis: Materiais, pessoas, apoios;
- Atores envolvidos: Quem participará ou apoiará;
- Cronograma: Prazos factíveis (primeiro passo e metas).

4. Preenchimento do plano (25–40 min):

- Cada grupo preenche o template com base nas discussões anteriores (ex.: caminhada diagnóstica, mapa de riscos).

- Incentive a objetividade e a viabilidade.

5. Socialização e feedback (10–15 min – opcional):

- Cada grupo apresenta brevemente seu plano (2–3 min).
- Recebe comentários ou sugestões dos outros participantes.

6. Encerramento (5 min):

- Reforce a importância da execução e do acompanhamento.
- Combine como os planos serão utilizados depois da oficina.

Recomendações ao facilitador:

- Circule entre os grupos para:
 - Sanar dúvidas.
 - Incentivar a vinculação com vulnerabilidades e potencialidades já mapeadas.
 - Evitar idealizações irreais – valorize ações factíveis.
- Lembre-os: “Um plano pequeno, mas executado, vale mais que um grande plano que não sai do papel.”
- Use perguntas provocadoras:
 - “Quem pode ajudar nessa ação?”
 - “Qual é o primeiro passo possível?”
 - “Como isso reduz nossa vulnerabilidade?”

Resultados Esperados

Planos de ação claros, contextualizados e realizáveis, elaborados coletivamente, com engajamento de diferentes atores da comunidade escolar.



Encontro 3 – Atividade 2 – Conectando Ideias e Ações

Dinâmica: Estudos de Caso Inspiradores

Objetivo:

Fortalecer os planos de ação já elaborados, inspirando-se em experiências reais bem-sucedidas de resiliência escolar e comunitária, adaptando práticas testadas ao contexto local.

Tempo estimado:

30–40 minutos

Materiais necessários:

- Cartazes ou slides com resumo dos estudos de caso (ou acesso ao Anexo H).
- Planos de ação elaborados pelos grupos (etapa

anterior).

- Canetas, post-its e cartolinas.
- Agulha, alfinete ou palito (para estourar os balões com segurança).
- Quadro ou mural para compartilhamento.

Passo a passo:

1. Apresentação dos casos inspiradores (10 min):

- Introduza brevemente 3 a 4 exemplos reais (use casos locais, do CLIQUE ESCOLA ou os sugeridos):
 - Comunidades amazônicas: Mapeamento participativo e valorização de saberes tradicionais.
 - Projeto Escola Resiliente (Cemaden): Ciência cidadã, comitês escolares, coleta de dados.
 - Escolas de fronteira: Mobilização comunitária e prevenção de riscos transfronteiriços.
 - E-Cartilha Escola Resiliente (Petrópolis): Cultura

de risco e prevenção.

- Destaque elementos-chave de cada caso que possam ser adaptados.

2. Reflexão guiada nos grupos (15 min):

- Peça que cada grupo retome seu plano de ação e reflita com base nas perguntas norteadoras:

- Que prática do estudo de caso pode ser adaptada aqui?
 - Como podemos ajustá-la ao nosso contexto escolar?
 - Há recursos na comunidade que facilitem isso?
 - Quem se envolve e como isso conecta com nosso plano?
- Incentive anotações e ajustes no plano.

3. Compartilhamento e ajuste final (10–15 min):

- Cada grupo compartilha em 2 minutos:
 - A prática inspiradora escolhida.
 - Como será adaptada.
 - Quem serão os responsáveis.
 - Exemplo: “Vamos adaptar o modelo do Cemaden instalando pluviômetros e envolvendo alunos na coleta de dados.”

4. Encerramento e compromisso (5 min):

- Reforce a importância de ações viáveis e contextualizadas.
- Peça que cada grupo defina um primeiro passo concreto e um responsável.

Recomendações ao facilitador:

- Circule entre os grupos para:
 - Estimular a conexão entre os casos e a realidade local.
 - Evitar cópias literais – incentive adaptações criativas.
 - Identificar recursos humanos e materiais disponíveis.
- Use perguntas diretas:
 - “Quem vai buscar o pluviômetro?”
 - “Como vocês vão envolver as famílias?”
 - “Qual é o prazo para o primeiro passo?”
- Valorize o protagonismo juvenil e comunitário.

Perguntas norteadoras para os grupos:

1. Que elemento do estudo de caso podemos incorporar?
2. Como ele se encaixa na nossa realidade?
3. Quem pode ajudar a concretizar isso?

4. Qual será o primeiro passo?

Resultado esperado:

Planos de ação revisados e fortalecidos com inspiração em práticas reais, mais viáveis, contextualizadas e com compromissos claros de execução.

Dinâmica: Fechamento – Compromisso com a Escola Resiliente

Objetivo:

Finalizar a oficina com um pacto coletivo e pessoal pela resiliência, transformando as propostas em compromissos concretos e garantindo continuidade às ações planejadas.

Tempo estimado:

25–35 minutos

Materiais necessários:

- Cartões ou post-its (1 por participante)
- Canetas
- Varal (cordão, barbante) e cliques ou pregadores
- Quadro ou mural para o “Varal dos Compromissos”
- Cronograma visual ou planilha para planejamento de continuidade (opcional)

Passo a passo:

1. Recapitulação e contextualização (5 min):
 - O facilitador retoma os principais momentos da oficina:
 - Identificação de desafios locais.
 - Elaboração de planos de ação.
 - Inspiração em casos reais.
 - Destaca a importância do esforço coletivo e do protagonismo de cada participante.
2. Compromisso individual (10 min):
 - Distribui um cartão ou post-it para cada pessoa com a frase: “Eu me comprometo a...”
 - Cada um preenche com uma ação concreta e realizável (ex.: “monitorar pontos de alagamento”, “divulgar ações no mural da escola”, “participar do comitê de resiliência”).
 - Em roda, cada participante lê seu compromisso em voz alta e prende no “Varal dos Compromissos”.
3. Planejamento de continuidade (10 min):
 - Em subgrupos ou coletivamente, definem:

- Responsáveis por cada ação ou eixo.
 - Próximo encontro (data, formato: presencial, online, híbrido).
 - Prazo para primeira ação (ex.: até 15 dias).
 - Registrem em cartaz ou quadro visível a todos.
4. Encerramento coletivo (5 min):
- Facilitador conduz uma reflexão final:
 - “Cada compromisso assumido hoje é um passo para uma escola mais resiliente. Juntos, transformamos ideias em ações.”
 - Agradecer a todos pela participação e engajamento.
5. Registro e divulgação (a combinar):
- Fotografar o varal, os planos e os grupos.
 - Comprometer-se a compartilhar os resultados por e-mail, redes sociais ou mural da escola.
 - Agendar uma reunião de acompanhamento breve (ex.: 2 semanas).

Recomendações ao facilitador:

- Mantenha o tom inspirador e celebrativo.
- Assegure que os compromissos sejam factíveis e mensuráveis.
- Incentive a corresponsabilidade: “Quem mais pode apoiar essa ação?”
- Use o varal como símbolo visual do pacto coletivo.
- Combine um canal de comunicação para acompanhamento (ex.: grupo de WhatsApp, e-mail, mural físico).

Competência	Descrição	Competência BNCC correspondente
Consciência socioambiental	Reconhecer a interdependência entre natureza e sociedade.	Implícita em 1, 2 e 10
Pensamento crítico	Analisar causas e consequências de fenômenos ambientais.	Competência 2
Cooperação e empatia	Trabalhar de forma colaborativa, respeitando diferentes vivências.	Competência 9
Protagonismo e participação cidadã	Atuar em ações de resiliência local e cidadania planetária.	Competências 6 e 10
Comunicação	Compartilhar ideias, propostas e escutar diferentes pontos de vista.	Competência 4
Planejamento e ação	Elaborar e executar planos de ação realistas e colaborativos.	Competência 6

Esse fechamento transforma a oficina em ponto de partida para uma escola que age, monitora, ajusta e cresce — formando um ciclo sustentável de reflexão, ação e resiliência comunitária.

Referências Bibliográficas

SANTOS, Janaina Cassiano dos et al. ANÁLISE DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL E RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA. In: ANAIS DO XXI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 2025, Salvador. Anais eletrônicos..., Galoá, 2025. Disponível em: <https://proceedings.science/sbsr-2025/trabalhos/analise-da-vulnerabilidade-socioambiental-e-resiliencia-comunitaria-em-comunidade?lang=pt-br>> Acesso em: 01 Jul. 2025.

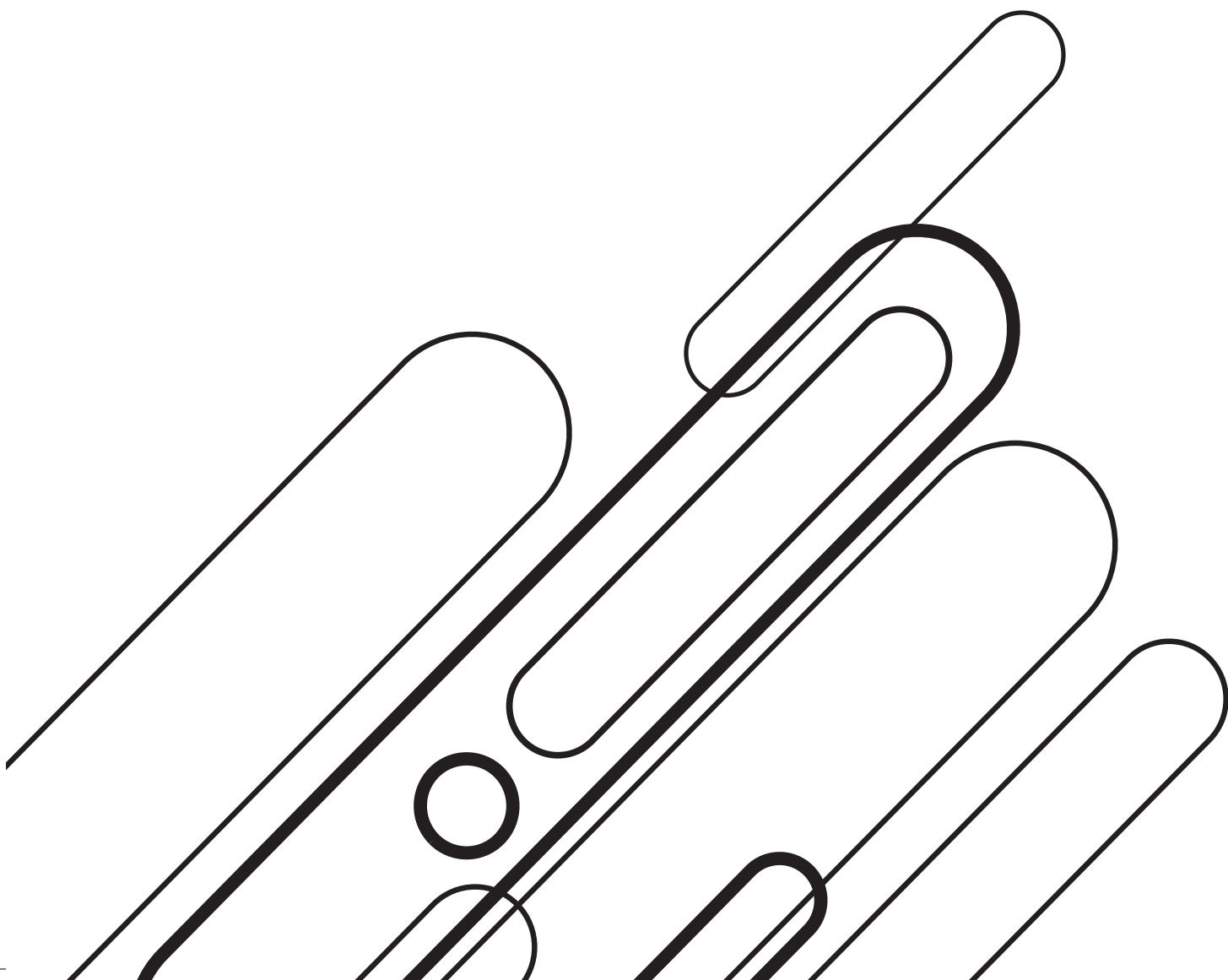
MIRANDA MARQUES, Márcia; NOGUEIRA DE ANDRADE, Milena Marília. Guia da Escola Resiliente: um convite ao trabalho com percepção de risco ambiental. Belém: Programa de Pós-Graduação em Gestão de Risco e Desastre na Amazônia – PPGGRD, Universidade Federal do Pará, 1. ed., mar. 2021.

D'ALMEIDA, Rodrigo Xavier. Cartilha Escola Resiliente. Petrópolis: Secretaria Municipal de Proteção e Defesa Civil, 2024. Disponível em: [E-BOOK-ESCOLA-RESILIENTE-PARA-PROFESSORES.pdf](#) Acesso em 01 jul.2025.

O Projeto Escola Resiliente, coordenado por Rodrigo D'Almeida é uma inovação para a transformação, preparando escolas para serem não apenas espaços de aprendizado, mas também núcleos de proteção, adaptação e força diante de adversidades. É a união de educação e resiliência para criar futuros em que a vulnerabilidade dá lugar à coragem e a ação.

Disponível em:

https://porvir.org/por-que-falar-de-escolas-resilientes-enfrentar-as-criises-climaticas/?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=copy_link&utm_source=bookmark



Anexos

Anexo A: Criação de Vínculos

O que são vínculos?

- Um vínculo é uma união, relação ou ligação entre pessoas, grupos, objetos ou ideias.
- Estar vinculado significa estar unido, encadeado ou atado — de forma física ou simbólica.

Qual a importância da criação de vínculos?

- Construir vínculos é desenvolver **relações saudáveis**, que ajudam a compreender quem somos e do que gostamos.
- Apoiam a **gestão das emoções e pensamentos**, favorecendo o equilíbrio pessoal.
- Oferecem uma **rede de apoio** essencial para enfrentar desafios e cultivar habilidades socioemocionais, como empatia, calma e resiliência.

Como os vínculos são criados?

- Podem surgir por **proximidade de ideias, gostos em comum, valores ou ideologias**.
- Na **primeira infância**, vínculos se formam por meio do cuidado, de conversas, da atenção e dos gestos de carinho.
- São reforçados pelo **diálogo** e pela **convivência cotidiana**.

O que os vínculos ensinam?

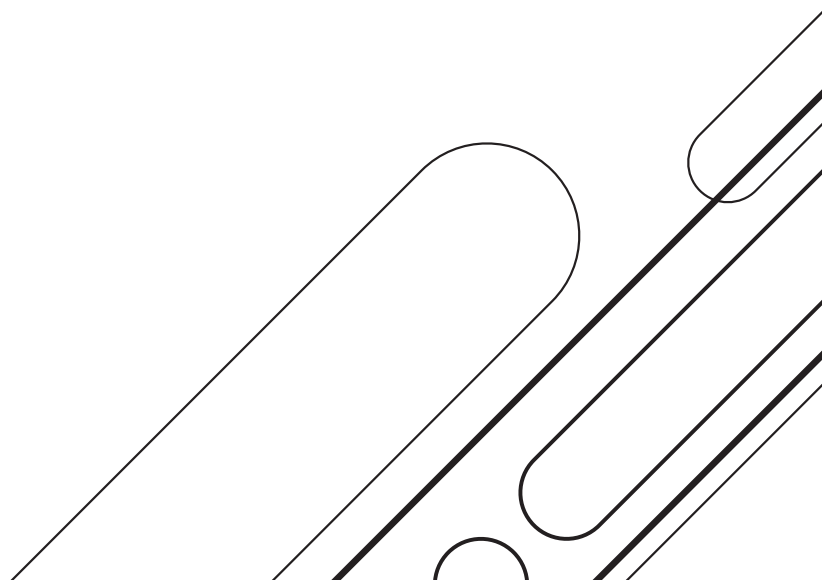
- A entender as próprias emoções.
- A respeitar as diferenças e se expressar de maneira saudável.
- A fortalecer relações interpessoais e comunitárias.

Vínculos como ferramenta

- **Prevenção:** permitem lidar com diferenças, enfrentar novidades e contar com uma base de apoio em momentos de crise ou mudança.
- **Mediação:** quando abalados, podem ser **reconfigurados**, promovendo reconciliação, maior compreensão mútua e fortalecimento da convivência.

Síntese

Criar vínculos nos **fortalece**. Eles nos oferecem uma base segura para enfrentar desafios e situações adversas, ao mesmo tempo em que ampliam nossa capacidade de convivência saudável e colaborativa.



Anexo B – Modelo de Árvore



Anexo C – Caixa da Identidade do Bairro

Objetivo

Criar um momento de acolhimento e reconhecimento simbólico do território, estimulando memória afetiva, pertencimento e percepção do espaço, preparando os participantes para reflexões mais profundas.

Preparação da Caixa

O que é?

Uma caixa ou cesto decorado que contém palavras, imagens e objetos simbólicos representativos do bairro ou território.

Como montar:

1. Escolha uma caixa atrativa (pode ser decorada com fotos, cores ou elementos locais).

2. Separe itens em três categorias:

- Palavras-chave em cartões (ex.: “praça”, “enchente”, “tradição”, “amizade”, “risco”).
- Imagens recortadas ou impressas (ex.: fotos de ruas, feiras, rios, escolas, áreas degradadas).
- Objetos simbólicos (ex.: pedra, folha, tampinha, tecido, chave, miniaturas).

Dica:

Inclua itens que permitam múltiplas interpretações (ex.: uma vela pode simbolizar fé ou falta de energia). Isso estimula a reflexão e o diálogo.

Exemplos de Itens para a Caixa

Categoria	Exemplo 1	Exemplo 2	Exemplo 3
Palavra	Enchente	Tradição	Convivência
Imagem	Rua alagada	Festa comunitária	Crianças brincando
Objeto	Pedrinha	Fita colorida	Tampinha de brinquedo

No Dia da Oficina

Antes da chegada:

- Deixe a caixa em local visível na entrada da sala.
- Organize os itens de forma convidativa.

Durante o acolhimento:

- Diga aos participantes:

“Nesta caixa há palavras, imagens e objetos que representam nosso bairro. Escolha um item que te chame a atenção ou que tenha a ver com sua vivência aqui.”

Oriente:

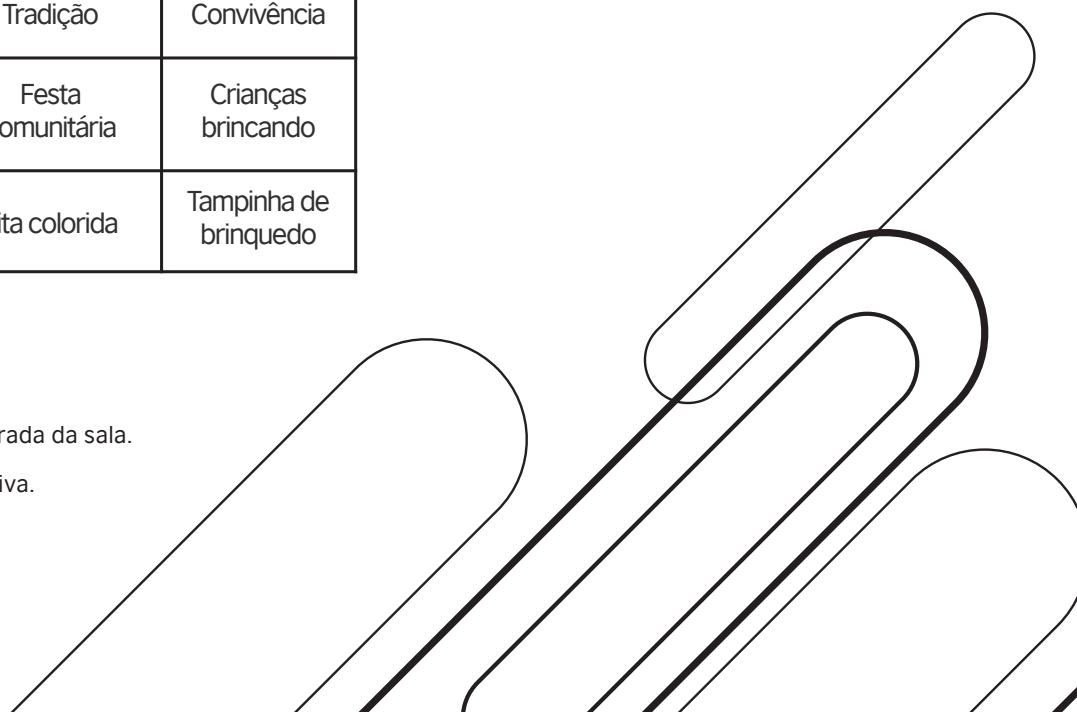
- Peça que guardem o item com cuidado para uso na próxima atividade.

Dicas para o Facilitador

- Explique que não há resposta certa ou errada – a escolha é pessoal e simbólica.
- Use a caixa como ponte para a atividade seguinte (ex.: roda de apresentação com o item escolhido).
- Adapte os itens ao contexto local – inclua elementos específicos da comunidade.

Resultado Esperado

Participantes conectados afetivamente com o território, mais abertos ao diálogo e reflexões sobre identidade, riscos e potencialidades locais



Anexo D – Criando um Mapa Afetivo do Bairro

Objetivo

Estimular a memória afetiva dos participantes em relação ao território onde vivem, reforçando vínculos com a comunidade e promovendo o reconhecimento das identidades, histórias e percepções locais.

Materiais Necessários

- Cartolina grande ou papel pardo (base do mapa).
- Canetas coloridas, lápis de cor, giz de cera.
- *Post-its* ou papéis cortados em pequenos formatos.
- Imagens ou mapas impressos do bairro (opcional, para referência).
- Cola, fita adesiva, tesoura.
- Símbolos recortados (corações, estrelas, casinhas, setas) ou adesivos.
- Fotos antigas ou recentes do bairro (opcional).

Preparação pelo Facilitador

1. Antes da oficina:

- Pesquise brevemente os principais pontos de referência do bairro (ruas, praças, escolas, igrejas, rios, etc.).
- Desenhe previamente um esboço leve a lápis desses pontos na cartolina, para guiar os participantes.

2. Organização do espaço:

- Deixe os materiais acessíveis em mesas laterais.
- Fixe a cartolina em uma parede ou em um cavalete, na altura adequada para todos participarem.

Passo a Passo da Dinâmica

1. Apresentação do conceito (5 min)

- Explique o que é um mapa afetivo:
 - “Não é um mapa geográfico comum, mas um mapa que representa emoções, memórias e experiências vividas no bairro.”
 - “Aqui, o que realmente importa é o que sentimos e o que guardamos dos lugares.”

2. Construção coletiva do mapa (20–30 min)

- Convide os participantes a:
 - Desenharem, escreverem ou colarem símbolos nos locais que tenham significado para eles.
 - Usar cores e formas para expressar sentimentos (ex.: vermelho para perigo, verde para segurança, azul para lembranças boas).
 - Incluir histórias, riscos, potências, sonhos e medos relacionados aos espaços.

3. Compartilhamento e escuta (10 min)

- Peça que alguns voluntários compartilhem brevemente o que acrescentaram ao mapa e por quê.
- Incentive a escuta respeitosa e a valorização das diferentes percepções.

4. Síntese e encerramento (5 min)

- Destaque os pontos em comum, conflitos ou potências mapeadas.
- Ressalte a importância do território como espaço vivo e cheio de significados.

Exemplos de Elementos para Incluir no Mapa

- Lugares de afeto: “Minha casa”, “Praça onde brincava”, “Rio onde pescava”
- Pontos de risco: “Rua que alaga”, “Encosta que desliza”, “Esgoto a céu aberto”
- Potências locais: “Horta comunitária”, “Associação de moradores”, “Feira livre”
- Memórias: “Aqui foi minha primeira escola”, “Aqui me casei”, “Aqui jogava bola”

Dicas para o Facilitador

- Use perguntas provocadoras:
 - “O que te emociona neste lugar?”
 - “O que você mudaria no bairro?”
 - “O que é perigoso aqui? O que é seguro?”
- Inclua participantes de diferentes idades para enriquecer o mapa com múltiplos olhares.
- Se houver tensões ou conflitos, acolha as visões sem julgamento.
- Fotografe o mapa ao final para registro e uso em etapas futuras.

Resultado Esperado

Um mapa coletivo e afetivo que evidencia as múltiplas camadas de significado do território, fortalecendo o senso de pertencimento e servindo como base para planejamento de ações resilientes.

Anexo E: Conectando Percepções ao Tema da Oficina

Roteiro para Reflexão Guiada

1. Pertencimento e Identidade

Perguntas norteadoras

- O que o objeto ou imagem que você escolheu revela sobre como você se sente em relação ao seu bairro?
- Quais lembranças ou sentimentos bons foram compartilhados sobre o lugar onde moramos?
- Em que momentos você se sente parte da comunidade? E quando se sente distante dela?

Propósito

Explorar o **vínculo afetivo com o lugar** como base para o engajamento nas mudanças.

2. Leitura do Território

Perguntas norteadoras

- Quais situações do cotidiano mostram desafios no nosso bairro (alagamento, lixo, insegurança, desinformação...)?
- Todos os moradores percebem os mesmos riscos? Por que alguns passam despercebidos?
- Quais elementos do painel coletivo revelam a beleza e a força do nosso bairro?

Propósito

Estimular a **consciência crítica** sobre o espaço vivido e suas vulnerabilidades

3. Percepção de Riscos Ambientais

Perguntas norteadoras

- Nos relatos aparecem palavras como chuva, enxurrada, calor, desmatamento, lixo... O que isso tem a ver com riscos ambientais?
- O bairro está preparado para emergências (enchentes, queda de energia)?
- O que podemos fazer para transformar riscos em **oportunidades de cuidado coletivo**?

Propósito

Conectar o cotidiano à percepção de riscos naturais e antrópicos, abrindo caminhos para a ação.

4. O Papel da Escola na Comunidade

Perguntas norteadoras

- Que papel a escola pode ter no cuidado do nosso bairro? Já houve alguma ação nesse sentido?
- A escola pode ser um espaço de proteção e prevenção de desastres? Como?
- Como envolver escola e comunidade para **construir soluções conjuntas** para os problemas identificados?

Propósito

Fortalecer a ideia da escola como **agente de transformação** e ponto de apoio em tempos de crise.

5. Síntese e Encerramento

Perguntas norteadoras

- O que aprendemos hoje sobre nós, nosso bairro e nossa escola?
- Qual sentimento fica após ver o painel coletivo construído juntos?
- Qual próximo passo podemos dar para continuar cuidando do nosso lugar?

Propósito

Consolidar o **aprendizado coletivo** e preparar o terreno para as próximas oficinas da trilha.

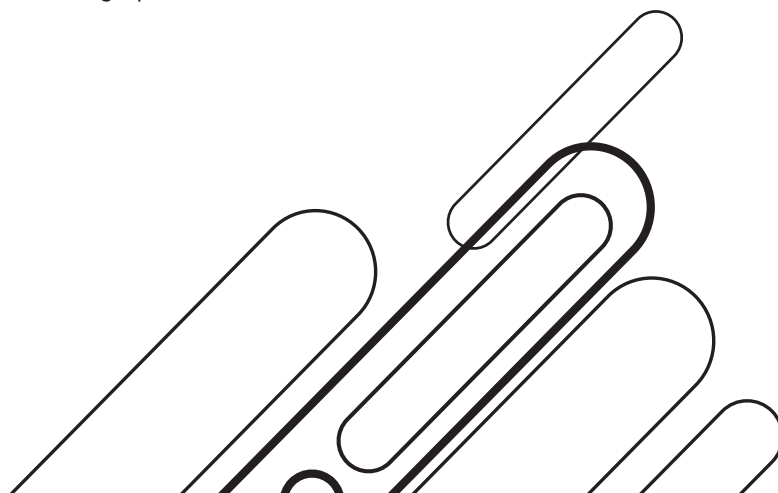
Dica Extra para o Facilitador

No quadro, use frases curtas:

- ● “O que queremos manter?”
- ● “O que precisa melhorar?”
- ● “O que precisa mudar urgentemente?”

Peça aos participantes que coletem no quadro post-its com ideias baseadas na conversa.

Isso ajuda a visualizar coletivamente as prioridades do grupo.



Anexo F – Definição de Escola Resiliente

O conceito de **Escola Resiliente** refere-se à capacidade das instituições de ensino de **prevenir, enfrentar e se recuperar** de desastres e situações adversas, minimizando riscos e promovendo a segurança integral de todos os membros da comunidade escolar. Isso envolve a integração de ações estruturais, educativas e participativas, com foco no cuidado coletivo, na sustentabilidade e na preparação para desafios ambientais e sociais.

A resiliência é definida pela Unidade de Terminologia da **Estratégia Internacional da ONU para Redução do Risco de Desastres (UNISDR)** como:

“Capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade exposta a perigos de resistir, absorver, acomodar-se, adaptar-se e recuperar-se dos efeitos de um perigo de maneira tempestiva e eficiente, inclusive por meio da preservação e restauração de suas estruturas básicas e funções essenciais”



Explicando o Infográfico

O infográfico apresenta de forma didática os principais elementos que definem uma escola resiliente, divididos em pilares, características fundamentais e objetivo central.

Pilares da Escola Resiliente

1. **Instalações de Aprendizagem Seguras** – Ambientes escolares com infraestrutura adequada, acessível e preparada para situações de risco.
2. **Gestão de Riscos no Ambiente Escolar** – Planejamento, identificação de ameaças e aplicação de medidas preventivas e de resposta.
3. **Educação para a Resiliência** – Formação de uma cultura de prevenção e consciência sobre riscos entre estudantes, educadores e famílias.

Características Fundamentais

- Capacidade de identificar ameaças e vulnerabilidades locais;
- Participação ativa de toda a comunidade escolar;

- Formação de comitês escolares de segurança;
- Adoção de práticas sustentáveis e alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Objetivo

Fortalecer a cultura de segurança e prevenção nas escolas, tornando-as mais seguras, acolhedoras e preparadas para enfrentar adversidades.

Escolas Resilientes na Prática

Diversas comunidades brasileiras têm adotado **abordagens inovadoras** para transformar as escolas em centros que vão além do ensino tradicional. Essas iniciativas buscam integrar mecanismos de **proteção, adaptação e organização comunitária** diante de adversidades ambientais e socioeconômicas.

Um exemplo inspirador vem de **comunidades isoladas da região amazônica**, onde projetos têm priorizado a construção e reforma de escolas com infraestrutura digna e acessível. Nesses contextos, as escolas assumem um papel duplo: oferecem educação de qualidade e funcionam como pontos de apoio à comunidade, mesmo em locais com recursos limitados e dificuldades de acesso.

Outro destaque é o **Projeto Escola Resiliente**, coordenado por instituições como o **Cemaden**. Essa iniciativa transforma o espaço escolar em um núcleo de proteção e adaptação, integrando educadores, estudantes e familiares num processo contínuo de preparação para emergências e enfrentamento das mudanças climáticas. A proposta inclui tanto a reestruturação física quanto o incentivo a **práticas colaborativas e participativas**, conectando conhecimento teórico com experiências locais e gerando planos de ação concretos.

Estudos acadêmicos também apontam a importância de **considerar o contexto local** na implementação de práticas resilientes. Escolas em regiões de fronteira, por exemplo, têm adotado estratégias ecológicas e formas de planejamento coletivo que se mostram mais eficazes do que modelos generalistas, por se adaptarem às especificidades da realidade local.

Além disso, **programas de extensão universitária e políticas públicas** têm contribuído para fortalecer essa abordagem. Por meio da capacitação técnica de educadores e gestores, da articulação entre academia, poder público e sociedade civil, e da promoção do conhecimento aplicado à prática, esses programas têm ampliado o alcance e a efetividade das ações de resiliência nas escolas.

Conclusão

A construção de **escolas resilientes** exige uma **abordagem multidimensional**, integrando infraestrutura segura, práticas pedagógicas transformadoras, participação comunitária e pesquisa aplicada. Ao unirem **educação, proteção e engajamento social**, essas escolas se tornam núcleos estratégicos para responder efetivamente a crises e construir um futuro seguro, sustentável e solidário.

Anexo G - Template de Plano de Ação

Título do Plano: _____

Grupo: _____

Data: ____/____/____

1. Problema identificado

Descreva de forma clara e objetiva o problema ou desafio que será enfrentado:

2. Proposta de solução

Apresente a ação prática que será realizada para resolver ou mitigar o problema:

3. Recursos disponíveis

Liste os recursos que vocês já têm ou conseguirão facilmente (materiais, espaços, apoios, parcerias):

- _____
- _____
- _____

4. Atores envolvidos

Identifique quem participará e apoiará a ação (alunos, professores, famílias, comunidade, parceiros externos):

- _____
- _____
- _____

5. Cronograma

Defina prazos realistas para início, etapas intercaladas e conclusão da ação:

Etapa	Responsável(s)	Prazo
1. _____	_____	____/____/____
2. _____	_____	____/____/____
3. _____	_____	____/____/____

Fim / Avaliação _____/____/____

6. Indicadores de sucesso

Como saberemos se a ação foi efetiva? (exemplos: número de participantes; redução do risco; feedback positivo; uso do espaço, etc.)

7. Observações / Notas

Espaço para registrar situações imprevistas, adaptações, necessidades complementares ou sugestões futuras:

Dicas de uso:

- O plano deve ser sintético, com foco nos **primeiros passos**, usando poucos recursos para gerar impacto imediato — e depois evoluir para soluções maiores.
- Utilize cartolinas, post-its e canetas para que os grupos preencham coletivamente cada campo, fortalecendo o senso de autoria e engajamento.
- Ao final, cada grupo apresenta seu plano em até 3 minutos, compartilhando proposta e cronograma com o coletivo — para alinhamento e motivação conjunta.

Este modelo simples e direto facilita a condução de oficinas e oficinas participativas, estimulando a ação comunitária prática e o comprometimento com a resiliência escolar.

Anexo H – Estudo de Caso: Comunidades Amazônicas na Adaptação Local

1. Contexto e abordagens metodológicas

Na região amazônica, comunidades como Quilombo do Abacatal, Floresta Nacional do Tapajós e Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns (Pará-AM) enfrentam eventos extremos como secas e enchentes. Um estudo recente utilizou o Índice Padronizado de Precipitação-Evapotranspiração (SPEI) e sensores remotos, complementados por oficinas comunitárias, para mapear vulnerabilidades socioambientais e fortalecer a resiliência local. **COMUNIDADES AMAZÔNICAS: adaptação local por mapeamento de riscos e práticas sustentáveis.** Portal AmeliCa, 2025. Disponível em: <http://portal.amelica.org/amei/journal/274/2744783007/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

Outra iniciativa ocorreu em Tefé (AM), onde mapeamentos colaborativos foram realizados com comunidades ribeirinhas. Foram treinados estudantes para coletar dados de campo e imagens via drones, integrados ao OpenStreetMap, com foco em regiões remotas e sub-representadas nos mapas oficiais. Disponível em: <https://www.hotosm.org/updates/mapeamentos-amazonicos-para-uma-amazonia-inclusiva-e-sustentavel/>. Acesso em: 01 jul. 2025.

2. Resultados e aprendizados

Mapeamento participativo + sensoriamento remoto revelaram pontos críticos de erosão, áreas mais vulneráveis e possíveis zonas de adaptação.

- **Engajamento comunitário** foi essencial para legitimar os mapeamentos e gerar confiança.
- A junção de saberes científicos e tradicionais permitiu **práticas sustentáveis** diferenciadas, como uso de drones para monitoramento, distribuição de dados em plataformas colaborativas, e oficinas educativas.
- O desenvolvimento de **materiais de apoio locais** (mapas e cartilhas) facilitou a compreensão dos riscos por todas as faixas etárias e níveis de escolaridade.

3. Implicações para a escola

Esses estudos sugerem estratégias eficazes para oficinas escolares de resiliência:

- **Integração do sensoriamento remoto e conhecimento local:** uso de imagens via drone e relatos da comunidade para criar mapas participativos.
- **Produção de materiais educativos adaptados:** infográficos, cartilhas e vídeos para comunicar riscos e práticas sustentáveis.
- **Capacitação e protagonismo jovem:** estudantes treinados para ser agentes de monitoramento (como em Tefé).

- **Construção de conhecimento comunitário:** reconhecendo a importância dos saberes tradicionais na compreensão dos ciclos ambientais

Recomendações práticas para a oficina

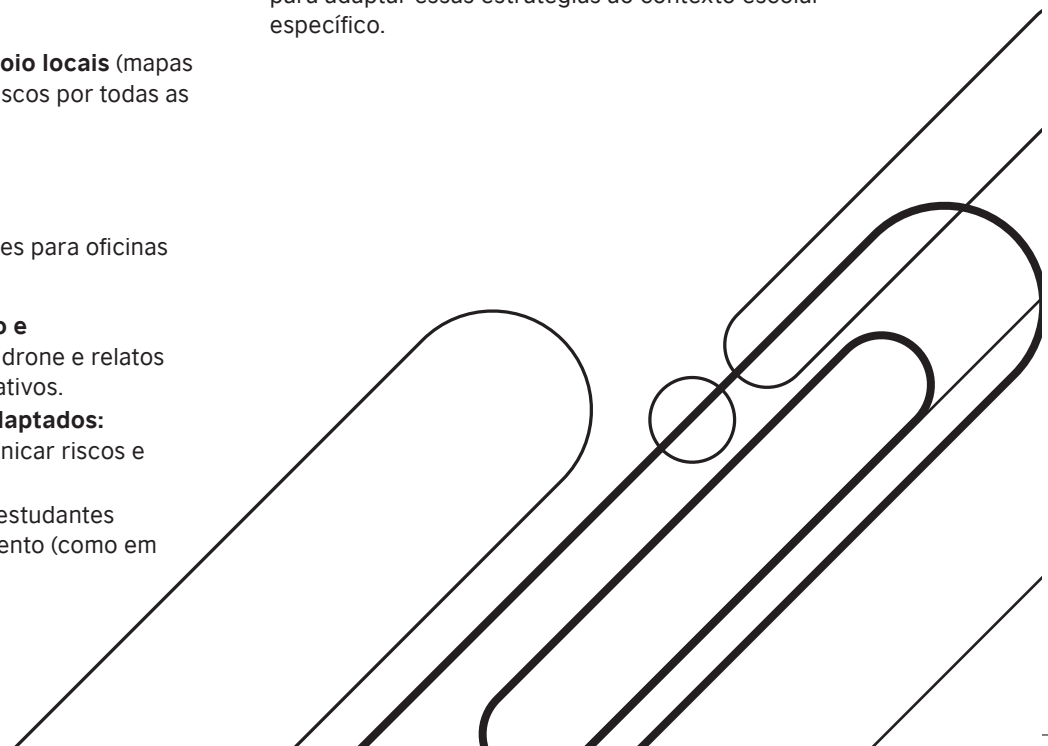
1. **Organizar uma etapa de treinamento** dos estudantes para uso básico de drones ou aplicativos de mapeamento como OpenStreetMap.
2. **Planejar saídas de campo** junto ao entorno escolar para coleta de observações locais (erosão, alagamentos, pontos de calor).
3. **Promover oficinas comunitárias** com compartilhamento de mapas e incidentes locais entre alunos, professores, vizinhos e gestores.
4. **Gerar materiais com linguagem acessível**, combinando imagens, linguagem oral e escrita para boa compreensão.
5. **Incorporar saberes tradicionais** (como práticas agroecológicas), fortalecendo a valorização local.

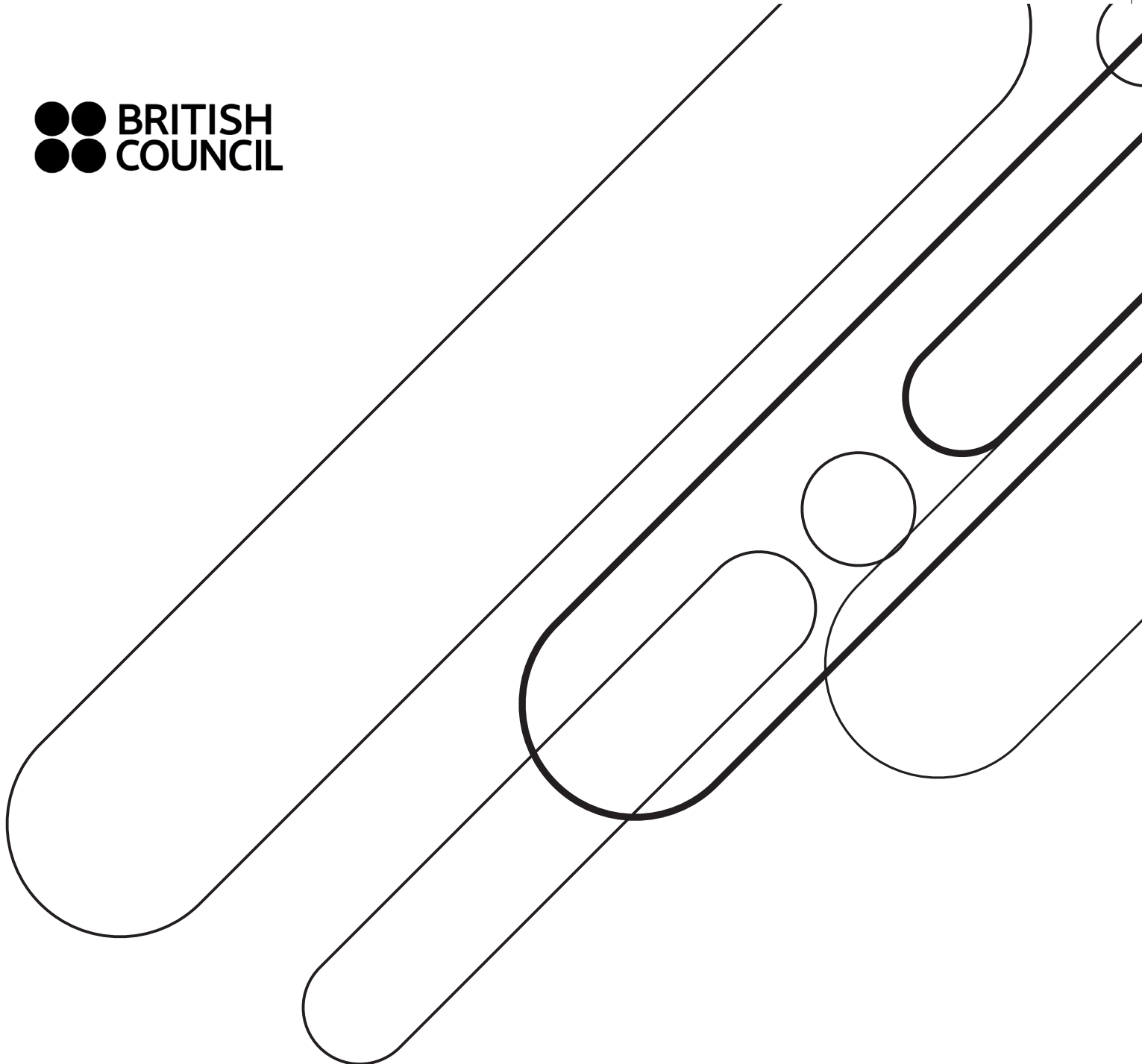
Valor para a oficina

Este estudo de caso aporta:

- **Validação científica localmente adaptada:** uso de SPEI e sensoriamento integrados à experiência comunitária;
- **Parcerias significativas:** envolvendo universidades (UFAM, UFJR), CEMADEN e ONGs de mapeamento;
- **Resultados práticos:** criação de material didático, empoderamento de jovens, gestão de riscos compartilhados.

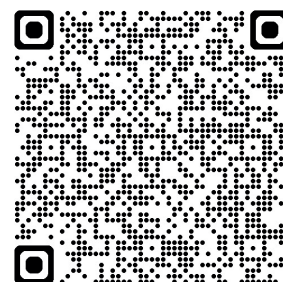
Estes insights podem enriquecer a **trilha de construção de soluções** da oficina, dando substância teórico-metodológica e legitimidade prática para a mobilização comunitária. Se quiser, posso sugerir atividades práticas para adaptar essas estratégias ao contexto escolar específico.





MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



Escaneie esse QR Code
para deixar sua avaliação
sobre a oficina.

© British Council

The British Council is the United Kingdom's international organisation for cultural relations and educational opportunities.